

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Monografia de conclusão de curso

COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL

**A experiência do projeto “*Cala-boca já morreu!*
– *porque nós também temos o que dizer*”**

ALINE FALCO REIS FERNANDES
Professora Orientadora: Tânia Siqueira Montoro

Brasília, setembro de 2002

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo apoio moral, espiritual, financeiro e, acima de tudo, por acreditarem em mim.

A ANDI (Agência de Notícias dos Direitos da Infância), e seus integrantes. Uma grande escola que despertou meu interesse pela relação da comunicação com a transformação social e me fez acreditar que é possível, sim, modificar a sociedade, apesar de todas as dificuldades.

A Grácia Lopes, Donizete Soares e Isis Lima Soares, pela atenção e carinho com que me receberam e forneceram informações.

A todos os integrantes do Projeto Cala-boca já morreu! – porque nós também temos o que dizer.

A Tânia Montoro, pela orientação e dicas de leituras essenciais para a realização deste trabalho.

A Carolina Valadares, pela hospedagem em São Paulo.

Ao Apô, pela paciência e ajuda em momentos de completo desespero.

A todos que passaram pela minha vida nesses cinco anos de Universidade. De alguma forma, me modificaram.

A uma força maior (Deus, destino, o nome que quiserem dar), que colocou todas essas pessoas e tantas oportunidades em meu caminho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO	8
1.1 Interações.....	8
1.1.1 Tensos pontos de encontro.....	12
1.2 Educomunicação: um espaço específico de intervenção social.....	14
2. ESTUDO DE CASO DO PROGRAMA <i>CALA-BOCA JÁ MORREU! – PORQUE NÓS TAMBÉM TEMOS O QUE DIZER</i>	27
2.1 O projeto.....	27
2.1.1 Viabilização.....	28
2.2 Histórico.....	29
2.3 A escolha do rádio como elemento de dinamização social e do aprendizado de adolescentes	30
2.4 Procedimentos metodológicos de pesquisa.....	34
3 - O PROGRAMA DE RÁDIO	35
3.1 Os blocos.....	35
3.1.1 O gênero do programa.....	36
3.1.2 A utilização do som.....	38
3.2 A reunião de preparação.....	39
3.3 A apresentação do programa.....	45
3.3.1 O roteiro.....	45
3.3.1.1 O lugar de fala do emissor.....	47
3.3.2 O papel da pesquisa na apresentação dos programas.....	50
3.3.3 O exercício da visão crítica na apresentação dos programas.....	53
3.4 A dinâmica do processo de Educação/Comunicação.....	56
3.5 Os desdobramentos do projeto.....	58
4 . CONSIDERAÇÕES SOBRE A DIMENSÃO MOBILIZADORA DO <i>CALA-BOCA JÁ MORREU!</i>	61
4.1 O incentivo ao protagonismo juvenil.....	61
4.1.1 Um exemplo da formação de multiplicadores.....	64

4.2 O programa <i>Cala-boca já morreu!</i> como estratégia de mobilização social.....	66
4.2.1 A rádio comunitária.....	67
4.2.1.1 A Rádio Guadalupe FM	67
4.2.2 O conteúdo do programa.....	71
4.3 A dinâmica da mobilização.....	76
4.4 Observações sobre a recepção	78
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
BIBLIOGRAFIA.....	85
ANEXOS.....	87

INTRODUÇÃO

Em setembro de 2001, participei da cobertura jornalística da Segunda Conferência Crianças Brasil no Milênio, realizada em Goiânia, da qual participaram cerca de 300 crianças.

A Conferência, realizada pela Organização Pan-americana de Saúde (Opas), tinha como objetivo a definição de uma agenda infantil para o desenvolvimento sustentável. Entre uma palestra e outra sobre meio ambiente, as crianças participavam de oficinas. A que mais me chamou atenção foi a oficina de rádio. Os integrantes ficaram animadíssimos.

Conversando depois com aicineira, Isis Lima Soares, uma adolescente de 14 anos, tive meu primeiro contato com um projeto que pretende levar educação e livre-expressão a crianças e adolescente por meio da apropriação dos meios de comunicação, em especial o rádio. Era o projeto *Cala-boca já morreu – porque nós também temos o que dizer!*

Essa apropriação é chamada pelo pesquisador do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo Donizete Soares¹ de *Educação pelos Meios de Comunicação*. A obtenção de conhecimento e o resgate da cidadania de crianças e adolescentes por essa educação, utilizada no projeto *Cala-boca já morreu – porque nós também temos o que dizer!* é o que este trabalho analisa dentro de uma perspectiva dos estudos da Comunicação e da Cultura.

Justificativa

O Brasil conta hoje com 32 milhões de adolescentes e jovens. Grande parte dessa população vive em seu cotidiano os efeitos da falta de acesso à cultura, ao lazer, ao esporte e a dificuldade de acesso a equipamentos urbanos de diversão, saúde, educação, segurança, infra-estrutura e saneamento básico. O acesso à informação, à educação e à cidadania é limitado por essa situação.

A visibilidade e a preocupação com a formação destas pessoas é mínima. A educação se processa mais pelo contato com o grupo – típico de quem está nessa fase de vida - e pela

¹ Reflexões sobre meios de comunicação e educação escolar – www.eca.usp/nucleos/nce/artigos.htm

mídia do que pela escola, defasada anos-luz da velocidade e falta de sistematização com que o conhecimento chega atualmente às pessoas.

Ao mesmo tempo, a mídia não reflete a realidade dessas pessoas. Para Foucault², a sociedade industrial, ao criar os recursos da comunicação em massa, tomou o discurso mediático como sua mais poderosa apropriação, instrumento exclusivamente disciplinador. Ela instituiu sua materialidade na lógica de lazer que objetiva tornar a vida prazerosa.

Essa apropriação não pertence à mídia. Pertence, até de maneira mais presencial, aos mecanismos da educação, cujos procedimentos, nos dizeres de Foucault, edifica um sistema de sujeição, de disciplinaridade nas modalidades autorizadas de discursos que se apresentam como "conhecimentos verdadeiros". Segundo Yara Martins (op. cit), a mídia apropriou-se das representações sociais e as transmutou em fantasmagorias, executadas pelos produtores dos bens simbólicos, em última instância, controladores das massas.

Porém, no país, diversos grupos da sociedade civil encontraram uma nova forma de trabalhar a produção de conhecimento e a cidadania com meninos e meninas: a produção dos próprios meios de informação dentro da comunidade. Seja por meio de rádio, jornal ou *sites* da internet – veículos mais comuns.

Trabalhando e divulgando temas relevantes na formação e informação dos jovens, escolhidos por eles próprios, como Violência, Meio-ambiente, Dst/Aids, Drogas, etc., estes projetos apresentam uma característica nova de intervenção social: a Educomunicação.

O conhecimento que é repassado de forma unilateral nas escolas passa a ser pesquisado e produzido pelos próprios alvos de educação. Segundo Freire³, o conhecimento após a comunicação torna-se conhecimento objetivo e também é cultura. A utilização dos meios de comunicação transforma adolescentes sem acesso ao conhecimento e à cultura em produtores de ambos.

² citado pela Profa. Dra. Yara Maria Martins Nicolau Milan, no artigo *Comunicação e Educação - Espaço de Mutação e Confluência*-In: www.eca.usp.br/nucleo/nce/artigos.html

³ Citado em MELO, José Marques de. *A Comunicação na Pedagogia de Paulo Freire*. In www.metodista.br/unesco/Encipecom/encipecom_hp/Encipecom_br_Jose_Marques_De_Melo

A mudança de “lugar” dos adolescentes em relação ao conhecimento não só propicia uma melhor apreensão dos saberes mas também gera a formação de pessoas mais críticas e conscientes, por oferecer um espaço de livre expressão das opiniões e de questionamentos.

Objetivos

O objetivo deste trabalho, portanto, é realizar análise, por meio de um estudo de caso, de um os vários projetos de intervenção social que contemplam estratégias de educação baseada em instrumentos da comunicação social e que fazem parte desse novo campo de intervenção social chamado de Educomunicação.

Pretendemos demonstrar como um meio de comunicação — nesse caso, o rádio — dentro de uma proposta de Educomunicação, é utilizado pelo projeto *Cala-boca já morreu! – Porque nós também temos o que dizer* para propiciar uma construção diferenciada do conhecimento e da cidadania das crianças e adolescentes. Pretendemos também demonstrar a dimensão dos processos de transformação social e de ensino/aprendizagem existentes no projeto.

No capítulo 1, mostramos a interface entre as ciências da Comunicação e da Educação.

No capítulo 2, apresentamos o projeto *Cala-boca já morreu! – Porque nós também temos o que dizer*, objeto de nossa análise, e o referencial metodológico de análise do projeto.

No capítulo 3, descrevemos a maneira pela qual o projeto se apropria do rádio, transformando-o em elemento de educação de crianças e adolescentes.

No capítulo 4, identificamos os recursos estratégicos e o caráter mobilizador do projeto.

No capítulo 5, tecemos considerações finais sobre a pesquisa realizada.

1. COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

1.1- Interações

O campo da Comunicação e o da Educação são, por natureza, imensos. Abrangem diversos ângulos, questões e setores. Segundo Braga e Calazans⁴, possuem característica avassaladoras que, por si só, interessam a todas as demais atividades humanas. “Os dois campos se investem de uma competência para tratar de todas as coisas do mundo físico ou social – segundo as perspectivas de seus próprios objetivos e processos” (2001:10).

Para Edson Gabriel Garcia⁵, tanto Comunicação quanto Educação são campos historicamente constituídos, definidos, visíveis e fortes. “Desde sempre o homem educou-se e educou seus semelhantes, fazendo isso de modos diferentes. Desde sempre o homem estabeleceu processos de comunicação entre si, usando para isso recursos diferentes. São campos com visibilidade dos seus respectivos corpos sociais. Os discursos, os gestos e comportamentos de educadores e comunicadores ancoram-se em bases diferentes”.

O professor do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo Ismar Soares⁶ acredita que, tanto a Comunicação quanto a Educação, ao serem instituídas pela racionalidade moderna, tiveram seus campos de atuação demarcados no imaginário social como espaços independentes e cumprindo funções específicas: “a educação administrando a transmissão do saber necessário ao desenvolvimento social e a comunicação responsabilizando-se pela difusão das informações, pelo lazer popular e pela manutenção do sistema produtivo”.

Se Comunicação e Educação são campos tão vastos, definidos e diferenciados, como os dois interagem? A partir das tensões geradas pela invasão mútua de um campo no outro – inevitável justamente por causa da grande penetração da mídia na sociedade pós-moderna.

De acordo com Braga e Calazans (2001:38), “a educação é o campo onde se articulam, intencionalmente, o ensino e a aprendizagem”. Intencionalidade aqui é palavra chave.

⁴ BRAGA, José Luiz e CALAZANS, Regina. *Comunicação & Educação*, São Paulo, Hacker Editores, 2001

⁵ Comunicação e Educação: campos e espaços interdisciplinares. In www.eca.usp/nucleos/nce/artigos.htm

⁶ SOARES, Ismar Oliveira. Educomunicação: Um Campo de Mediações. In : *Revista Comunicação & Educação*, nº 19. São Paulo, Editora Moderna, 2000.

Segundo os autores, a aprendizagem não ocorre apenas como consequência da Educação. “Antes de haver transmissão de conhecimento – e portanto aprendizagem do conhecimento pronto – o homem depende de um outro aprender, decorrente de um intercâmbio com o mundo e com as pessoas em ambiente social, através do qual descobre coisas, por meios práticos, por reflexão e até mesmo por acaso”.

Os autores afirmam que a sociedade reconhece pelo menos três elementos de aprendizagem que não se referem às instituições educacionais: a família, a cultura (espaço público), e as aprendizagens práticas do fazer. Aonde estes três espaços não entram, “entra então a Escola como planejadora, organizadora e fornecedora de aprendizagem via ensino – atividade em que a escola fala pela sociedade e é por ela legitimada”. (2001:36)

Braga e Calazans acreditam que a sociedade atribui ao sistema educacional as aprendizagens que, percebidas como de particular valor humano e social, não podem ser deixadas para os espaços auto-regulados da família, da cultura e da vida prática.

No sistema educacional compreende-se a Educação Formal e a Educação Não-formal. A Educação Formal é reconhecida principalmente como o espaço da escola, institucionalizado e legitimado por normas do poder público, e outras estruturas organizadas com processos e componentes similares ao da escola, gerando cursos para toda a variedade de saberes. Os cursos de línguas e todos os outros cursos que adotam salas de aula, professores, programas pedagógicos, avaliação e certificação são exemplos dessas outras estruturas.

Na Educação Não-formal, segundo Maria da Glória Gohn (apud BRAGA e CALAZANS, 2001:41-42), estão envolvidas a aprendizagem política dos direitos, capacitações diversas para o trabalho, aprendizagens comunitárias e até mesmo a aprendizagem por outros meios dos conteúdos que seriam de escolarização formal, para compensar suas lacunas.

Braga e Calazans apontam aí a forte presença de setores movidos por metas sociais, críticas e políticas, como associações comunitárias, organizações não-governamentais, igrejas e outras entidades da sociedade civil que voltam-se para objetivos democratizantes, de igualdade de acesso, de correções de injustiças sociais, de uma educação voltada para a mudança.

Os autores propõem, porém, que o campo da Educação abrange mais do que o sistema educacional, formal e não-formal, e permeia as relações deste sistema com toda a sociedade.

“Percebemos que as aprendizagens observadas como ‘fora do campo educacional’ (na família, na cultura, na vida) acabam por obter um certo tipo de ingresso no campo. Mantêm, entretanto, diferenças em relação às aprendizagens próprias do campo educacional. As aprendizagens ‘da vida’ podem ser espaço de observação e reflexão, fontes de compreensão de processos, potencialidades para eventual inclusão no espaço de ensino, pré-requisito de determinadas aprendizagens escolares, elementos de interação e recebimento de informações educativas que as estimulem. Mas, por definição, não são resultado direto de ações do campo educativo”. (2001:45)

Olhemos agora para o campo da Comunicação Social. Segundo Braga e Calazans (2001:14), quando se fala sobre este campo, a primeira tendência é pensar-se nos grandes meios de comunicação de massa. Os autores afirmam que este pensamento é razoável, já que é através desses meios que se processa a maior parte das comunicações sociais modernas. Entretanto, ressaltam que a Comunicação não pode e não deve ser vista apenas como os grandes meios de comunicação de massa. “É preciso ultrapassar essa percepção para aprofundar a compreensão no que se refere ao conceito de Comunicação”.

Os autores afirmam que quando os meios de comunicação de massa ainda não existiam, a interação e a passagem de informações já eram presentes. “Desde que se pode identificar a existência de grupos humanos, na pré-história mais remota, existe ‘comunicação social’”. Ou seja, a comunicação se processa também fora das interações que acontecem mediadas pelos veículos de comunicação de massa.

“Uma maneira (intuitiva e não definidora) de referir-se à interação comunicacional é considerar que se trata de processos simbólicos e práticos que, organizando trocas entre os seres humanos, viabilizam as diversas ações e objetivos em que se vêem engajados (por exemplo, a área de política, educacional, econômica, criativa ou estética) e toda e qualquer atuação que solicita co-participação”. (op. cit, 16)

Braga e Calazans utilizam essa perspectiva de trocas interpessoais e intersetoriais para afirmar que o objeto do campo da Comunicação é examinar os modos como a sociedade interage com a sociedade.

Povesan e Solano⁷ contabilizam três modalidades de interação: interpessoal, grupal e de massa. E ainda, duas subdivisões: presencial e à distância. Olhemos mais de perto cada uma delas.

- Interpessoal: um diálogo, duas pessoas se comunicando
- Grupal: quando reúne três ou mais pessoas, com possibilidade de interação
- De massa: quando atinge um grande número de pessoas e a possibilidade de interação é nula ou quase nula.

Cruzando essas três modalidades com as subdivisões presencial (onde os interlocutores estão presentes no mesmo espaço físico) e à distância (sempre mediada por um ou mais meios de comunicação que aproximam interlocutores localizados em espaços distintos), podemos identificar seis modalidades de comunicação. Três delas sem qualquer influência dos veículos de comunicação de massa.

São elas: Interpessoal presencial (uma conversa entre amigos, uma consulta médica); Grupal presencial (uma palestra, uma dinâmica de grupo, uma reunião social); De massa presencial (um comício, um show, uma peça de teatro); Interpessoal à distância (Um diálogo ao telefone); Grupal à distância (um chat na internet, uma reunião de pessoas para assistirem a um vídeo sobre um assunto de interesse em comum); De massa à distância (a comunicação realizada pelos veículos de comunicação de massa).

A despeito de modelos de comunicação que não necessitam dos meios de comunicação de massa para promover interação com a sociedade (chamado por Braga e Calazans de processos conversacionais e interações mediadas do tipo dialógico), os autores apontam três razões para uma ênfase na comunicação de massa ao tratar da Comunicação.

A primeira delas é o fato de os meios de comunicação audiovisuais serem o fenômeno sócio-histórico que ajudou a perceber, objetivar e problematizar os processos comunicacionais em perspectiva destacada, fora de outros objetivos sociais de conhecimento.

A segunda é a importante presença dos meios de comunicação de massa como processo comunicacional e de produção de sentidos compartilháveis na sociedade contemporânea.

⁷ Ângelo Piovesan e Nelson Solano in www.aids.gov.br/prevencao/man_diretrizes/capitulo5htm

Pela primeira vez na história, a sociedade se dotou de um vasto aparato tecnológico, empresarial, cultural e profissional voltado exclusivamente para a veiculação de mensagens e para efeitos de fruição estética ou de entretenimento.

A terceira razão, é fato da comunicação de massa ser um fenômeno que põe em causa e modifica os modos habituais da interação social que antes se era restrita a outros espaços organizados de funcionamento social: política, artes, educação. Para os autores, a comunicação social não se dá em uma relação bipolar entre mídia e usuários. Ao contrário, essa relação produz interações sociais gerais da própria sociedade – isto é, entre setores da sociedade e entre pessoas – através dos meios de comunicação.

Outra característica dos meios é que eles, por exigirem processos específicos de produção, modificam os processos sociais em função de seus próprios modos operatórios.

“Os mais diversos processos sociais podem ser registrados e postos em circulação pela mídia – são incluídos tematicamente, como questão a ser conhecida, observada, debatida. Paralelamente, no processo de captação (e com a necessidade de expor sua imagem) estes processos, atividades, instituições, áreas são penetradas pela mídia, e se reorganizam em função desse ‘olhar’ e destes ‘ouvidos’ postos sobre ela”(BRAGA e CALAZANS, 2001:33)

Dessa forma, a sociedade midiaticizada desenvolve circuitos gerais de produção de sentidos baseada nos processos sociais. Ao mesmo tempo, esses processos sociais são modificados pelas exigências específicas dos meios. “O resultado final da produção é um processo modificado em formas, ritmos, duração, perspectiva e interpretação” (2001:35). Essa transformação dos processos sociais exigida pelo modo de operação dos meios é que define a realidade da sociedade que será mostrada à própria sociedade.

1.1.1 - Tensos pontos de encontro

Como explicitado acima, a educação aceita o ingresso de aprendizagens fora do sistema educacional (família, cultura, prática) porém, a priori, não as legitima como ações do campo educativo. Porém, ao lado dos sistemas de educação institucionalizados, a presença massiva da comunicação social no cotidiano da sociedade se inclui como fonte principal de aprendizado.

“Comunicação é produção social de sentido. E esse sentido se contrói nas relações sócio-históricas dessa sociedade pós-industrial. Os meios de comunicação, que são de natureza dessa sociedade, atuam como fator de coesão social tanto nas pequenas regiões, no nível interno e/ou no nível de suas relações com o mundo, quanto em sociedades com grande complexidade social e cultural. Atuando privilegiadamente no cotidiano, eles editam o mundo, agendam temas. Por essas características, a comunicação entra no processo permanente de produção de significado, portanto, de construção da realidade, em todas as suas manifestações, quer sejam culturais, econômicas ou políticas” (BACCEGA, 1998:9-10)⁸

A decisiva presença das tecnologias da comunicação na sociedade e os novos modos de se operar o conhecimento e a informação gera delicadas interfaces com o campo da Educação, exigindo ações que dêem conta de abrangê-las.

Com a presença de um aparato complexo de comunicações de massa, a dinâmica de circulação do conhecimento na sociedade é diferente da dinâmica de circulação de saberes no espaço educacional. Os meios de comunicação disponibilizam informações para a construção de sentidos de modo mais acelerado, diversificado, a partir de fontes variadas e vinculados a objetivos diferenciados do campo educacional.

Logo, modificam-se as aprendizagens dessas informações. As aprendizagens do espaço midiático se distinguem das aprendizagens da educação formal por aparecerem de modo disperso e assistemático, enquanto a escola absorve conhecimentos de campos restritos de modo sistematizado, mas com lentidão. Podemos inferir daí, baseados em Braga e Calazans, que “os processos da escola (espaço de educação formal) sofrem a concorrência e a atração dos processos midiáticos”.

De acordo com Adilson Citelli⁹, “As linguagens tradicionalmente vinculadas ao discurso didático-pedagógico da escola estão sendo desafiadas pelos aportes videotecnológicos, que reorientam os olhares, as compreensões e as maneiras como os alunos – e, de certo modo, os professores – estão aprendendo as várias dimensões sócio-histórico-culturais do nosso tempo”.

⁸ BACCEGA, Maria Aparecida. “Conhecimento, informação e tecnologia”. In: *Revista Comunicação e Educação* nº11, pp 7 a 16. São Paulo, Editora Moderna, 1998.

⁹ CITTELI, Adilson Odair. “Comunicação, educação e linguagem”. In: *Caminhos da Educomunicação 1* p. 63-68. São Paulo. Editora Salesiana, 2001.

A reflexão, argumentação, o estabelecimento de relações racionais entre fatos e conceitos e sistematizações amplas do ensino formal são penetrados por novas solicitações, por uma gama de assuntos atuais ausentes no discurso escolar, por uma nova dinâmica.

Segundo Braga e Calazans, o sistema escolar vai ser obrigado a trabalhar nessas interfaces, resistindo, criticando, revendo seus próprios conceitos e elaborando novas perspectivas pedagógicas que acompanhem a facilidade e rapidez com a qual as informações não pautadas pela escola chegam ao educando. Para a mídia, o desafio é o de adaptar essa atualidade e fragmentação e para recepção pública e leiga mas que viabilize a construção de sistematizações.

Além disso, outra interface exige ações integradas. É um ângulo relacionado à necessidade educacional de formar e socializar para a mídia. Devido ao grande poder de penetração e de influência desta na sociedade, “a educação para a mídia tornou-se imperativa”, afirma Citelli.

“Em síntese, a comunicação, pelo peso estratégico que possui na sociedade pós-industrial, pela maneira como contribui na formação do sensorium, pelo que joga na composição dos valores e pelas infinitas possibilidades técnicas que disponibiliza, possui enormes vínculos com o plano da educação, seja formal, informal ou não-formal. Explorar tais possibilidades é tarefa da qual os diferentes sistemas de ensino não podem se furtar”. (2001:68)

1.2 - Educomunicação: um campo específico de intervenção social

Nos anos de 1997 e 1998, o Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (NCE/ECA/USP) realizou pesquisa junto a 178 coordenadores e pesquisadores de projetos da área de Comunicação e Educação na América Latina, que constatou que vem se configurando um novo campo de conhecimento denominado Educomunicação.

Segundo Ismar de Oliveira Soares¹⁰, a Educomunicação é um campo já não entendido somente como uma área voltada à compreensão dos efeitos da mídia sobre os usuários, e sim um campo que inaugura “um novo paradigma discursivo transversal, estruturando-se, pois, de um modo processual, mediático, transdisciplinar e interdiscursivo, sendo vivenciado na prática dos atores sociais através de áreas concretas de intervenção social” (1999:65).

As práticas detectadas no campo apresentam uma nova maneira de lidar com as tensões causadas entre os dois campos. A pesquisa reconheceu, como áreas de materialização do campo na sociedade, quatro ações distintas, tradicionalmente assumidas como espaços vinculados ao domínio da Comunicação ou da Educação.

Ressalte-se que elas não são tomadas como excludentes, pelo contrário, veremos mais a frente que se cruzam para compor o novo campo.

A área da educação para a comunicação

A área é tomada como o desenvolvimento, na educação formal e/ou informal, de ações voltadas para o estudo e a compreensão do lugar que os meios de comunicação ocupam na sociedade, seu impacto social, as implicações da comunicação midiática, a participação e a modificação do modo de percepção que ele propicia, promovendo, em decorrência, o papel do trabalho criador, o acesso e o uso autônomo e livre dos recursos e linguagens da comunicação para a expressão dos indivíduos e grupos sociais.

Nas palavras de Soares (2000:23), “A área constituída pelas reflexões em torno da relação entre os pólos vivos do processo de comunicação, assim como, no campo pedagógico, pelos programas de formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios”.

Segundo o autor, ao longo do tempo, o mundo assistiu à implantação de vários projetos de educação para os meios. Desde os de cunho moralista (ele usa como exemplo a campanha contra a sensualidade no cinema, dos anos 30 ao anos 60), passando pelos de cunho

¹⁰ SOARES, Ismar de Oliveira. “Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais”. In: *Contato – Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação* nº 2. p.19-74. Brasília, Senado Federal, 1999.

ideológico (os projetos de “leitura crítica dos meios dos anos 70) até os de cunho construtivista (os projetos voltados para a ressemantização dos meios, nos anos 80.)

Pedro Gilberto Gomes (apud. SOARES, 1999:32), entende que cada uma das experiências latino-americanas de Educação para a Comunicação desenvolvidas ao longo da última década possui uma metodologia particular. Em comum, elas têm o esforço de transferir o problema dos meios para o processo. “Em conseqüência”, afirma Soares, “o trabalho desemboca necessariamente na produção e na busca de alternativas comunicacionais”. Essas tentativas de encontro de alternativas acontecem pela necessidade de quebra da unidirecionalidade dos processos de comunicação existentes. “No caso, privilegia-se o pólo do receptor, trabalhando-se com a pessoa no sentido de fortalecer a sua consciência de pertencimento a um grupo social concreto, com valores a afirmar e projetos a concretizar”.

A área da mediação tecnológica

Compreende o uso das tecnologias da informação nos processos educativos. É uma área que vem ganhando terreno devido à rápida evolução das descobertas tecnológicas e sua aplicação no ensino. Soares (2000:22) afirma que existe um esforço coletivo para fundamentar e otimizar o processo de implantação das tecnologias e também à formação de profissionais dessa área.

“Sabemos que os recursos tecnológicos clássicos, como o rádio e a televisão, tiveram dificuldades de serem absorvidos pelo campo da educação, especialmente por seu caráter lúdico e mercantil”, diz o autor, reconhecendo que com o advento do computador fica mais fácil abalar essa resistência, já que o computador possui em si mesmo os meios de produção de que os pequenos produtores culturais – alunos e professores - necessitam.

Segundo Bernard Levrat (apud Soares, 2000:35), as tecnologias podem ser aplicadas como meio de integração, centralizando e compartilhando informações entre grupos, regiões e países, propiciando recursos pedagógicos aos alunos e meios de capacitação aos professores. “Apesar dessa possibilidade, ainda não existe material suficiente a ser compartilhado. Ainda existem grandes dificuldades decorrentes das diferenças regionais e, sobretudo, o material disponível raramente é analítico ou crítico”, afirma, referindo-se a falta de conhecimentos sobre a utilização dos meios de comunicação mediando a educação, especialmente a formal.

Soares admite que as possibilidades oferecidas pelo uso dos meios de comunicação na educação são muito diversificadas e que é impossível dominar todas as tecnologias. “O importante é que seja garantida, através delas, a ampliação do campo da expressão de professores e alunos”, afirma. Quando isso ocorre, estamos no campo da Educomunicação.

A área das reflexões epistemológicas em torno de um novo campo

Se trata da reflexão acadêmica, metodologicamente conduzida, que vem sistematizando as informações colhidas na sociedade e garantindo unicidade às práticas da Educomunicação, permitindo que o campo se legitime e evolua. A própria pesquisa realizada situa-se no esforço interpretativo deste campo de observação.

Soares, em entrevista a essa pesquisadora, ressalta veementemente que as práticas da Educomunicação não foram “inventadas” pela universidade. “Nós detectamos o fenômeno, estudamos, definimos o conceito, definimos o perfil de quem faz isso e devolvemos a sistematização para a sociedade”.

A gestão da comunicação no espaço educativo

Uma das áreas de intervenção social detectadas na pesquisa se firma como a grande proposta da Educomunicação: a gestão da comunicação no espaço educativo. Por gestão, entende-se “todo o processo articulado e orgânico voltado, a partir de dada intencionalidade educativa, para o planejamento, execução e avaliação destinadas a criar e manter ecossistemas comunicacionais, entendidos como ambientes regidos pelo princípio de ação e do diálogo comunicativo” (Soares, 1999:39).

Ao referir-se ao *espaço educativo*, Soares não se restringe somente à escola. Ele inclui tanto a “comunidade virtual” que se cria entre um meio massivo e seus receptores, a partir da ação educativa promovida por uma emissora de TV ou de rádio — sempre levando em conta o emprego democrático e criativo dos processos e tecnologias comunicacionais — quanto as “comunidades presenciais”, que podem ser uma sala de aula, um centro cultural ou até mesmo uma empresa.

Entendendo que a própria Educação é tomada como um espaço de comunicação na cultura que emerge da *Era da informação*, na qual a educação é obrigada a rever-se em seus

paradigmas, Soares propõe o conceito e também a prática da gestão comunicativa: um conjunto de procedimentos para “garantir, mediante o compromisso e a criatividade de todos os envolvidos e sob a liderança de profissionais qualificados, o uso adequado dos recursos tecnológicos e o exercício pleno da comunicação entre as pessoas que constituem a comunidade” (1999:41):

- *Detectar o coeficiente comunicacional de cada uma das ações educativas, desenvolvendo, em decorrência, uma permanente avaliação das inter-relações comunicacionais que se estabelecem no espaço educativo;*
- *Planejar e implementar ações comunicativas no espaço da educação presencial e à distância;*
- *Produzir, na prática pedagógica, a análise do sistema massivo de meios de comunicação, favorecendo, com metodologias adequadas, uma educação para o consumo e para a convivência ativa e autônoma com a produção cultural desses veículos;*
- *Colaborar para que os educandos e educadores se apoderem – conceitual e praticamente – dos recursos da comunicação de forma a transformar-se em produtores de cultura, com o uso de nova linguagens e novos instrumentos (1998:17).*

A partir daí podemos perceber que as outras duas áreas detectadas pela pesquisa convergem para o conceito de Gestão Comunicativa (a área de estudos epistemológicos fica reservada à Academia). “O campo é aquele que se estabelece com a busca da gestão democrática e criativa da ação comunicativa, o que inclui as já conhecidas áreas dos estudos da recepção e da educação para a comunicação, assim como a área das mediações tecnológicas em função da produção e do manejo do saber, levando as comunidades envolvidas a transformarem seus espaços educativos em ecossistemas comunicacionais expressivos”.

Dessa forma, segundo Soares (1999:40), o que importa não é somente assegurar qualidade para os produtos da indústria cultural (como manifestações e críticas contra a quantidade de cenas de sexo na televisão, por exemplo). A grande proposição é buscar formas de intervir nas matrizes de elaboração de programas e de produtos, por meio de produções geradas no espaço educativo.

O processo é a grande chave para se entender a ênfase que a Educomunicação coloca na apropriação dos meios. Soares utiliza os conceitos de Educação de Mário Kaplún¹¹ para justificá-la. Para o pesquisador uruguaio, existem três modelos básicos de educação que ocorrem simultaneamente nos tempos atuais:

- A Educação que enfatiza conteúdo. Corresponde à educação tradicional, baseada na transmissão de conhecimentos e valores de uma geração à outra, do professor ao aluno, da elite “instruída” às massas ignorantes. Neste modelo, utiliza-se uma educação bancária, que segundo Paulo Freire¹², é a educação na qual “o educador é sujeito e os educadores são objetos pacientes, ouvintes”. Trata-se de um modelo autoritário, onde o protagonismo é dado ao emissor, a quem cabe iniciar o processo, definir seus conteúdos e objetivos e determinar o seu fim.
- A Educação que põe ênfase nos efeitos. Corresponde à chamada “engenharia do comportamento” e consiste essencialmente em moldar a conduta das pessoas com objetivos previamente estabelecidos. Se no primeiro caso o importante era o saber, aqui acentua-se o fazer. O verbo fundamental neste processo é persuadir. Busca-se persuadir o educando (receptor) para que mude de comportamento.
- A Educação que põe ênfase no processo. Não se preocupa tanto com os conteúdos a serem comunicados ou com os efeitos em termos de comportamento, e sim com a interação dialética entre as pessoas e sua realidade. Todos são sujeitos do processo, sendo emissores e receptores ao mesmo tempo. É um modelo de interação social, onde todos participam com igual oportunidade de conhecimento e acesso aos meios de comunicação.

É esta última que os defensores da Educomunicação definem como o modelo educacional a ser trabalhado. Como prevê oportunidade de conhecimento e acesso aos meios, a

¹¹ Na verdade, Kaplún foi o primeiro teórico a usar o termo Educomunicação, em 1987, para designar uma metodologia de Educação para a Comunicação baseada em análise das mensagens, e não dos meios; em desenvolvimento de oficinas, e não em mera exposição de conteúdos e a decodificação da ideologia das mensagens. Para isso, ele trabalhava três pontos: a cumplicidade entre o emissor e o receptor, a decodificação do código e a compreensão do funcionamento do sistema. Em 1998, Kaplún substituiu o termo por Comunicação Educativa e os estudos da construção do campo da Educomunicação ampliam seus sentidos.

¹² FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979: 65

apropriação de seus mecanismos de funcionamento e a prática de produção para estes meios se torna imprescindível.

O professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo Marcos Ferreira dos Santos, em entrevista a esta pesquisadora, explica por que a apropriação dos meios defendida pela Educomunicação se diferencia, do ponto de vista educativo, de outras intervenções na área que se utilizam de técnicas como a transposição didática de conteúdos para os meios audiovisuais ou apenas na leitura crítica dos meios:

“As crianças, precisam se apropriar dos meios, em termos técnicos, não para dizer as mesmas coisas, mas para dizer aquilo que não foi dito. É uma outra perspectiva em que o próprio conteúdo é transformado pelo uso, já que se tem como horizonte a expressão desse jovem, adolescente, enfim, seja qual for o grupo que você está trabalhando. Nessa perspectiva, o próprio usuário desses meios faz uma síntese do conhecimento, da área de conhecimento de uma maneira crítica, de uma maneira muito mais pessoal, de uma maneira mais comunitária. Portanto, tem coisas novas para dizer. É por isso que a gente se sente fascinado ao ver, por exemplo, um programa de vídeo em que as crianças discutiram o roteiro, a pauta, fizeram a reportagem e fazem a edição. Os adultos ficam apenas administrando os conflitos e aprendendo com eles. Então quando você vê o produto final que tem a cara, a marca deles, o conhecimento reorganizado salta aos olhos”

Surge um novo profissional.

A perspectiva da Gestão da Comunicação em Espaços Educativos requer uma pessoa que facilite o processo de apropriação dos meios pelos grupos, com uma intencionalidade educativa “a partir da perspectiva de uma mediação participativa e democrática da comunicação”. Isto inclui tanto o emprego e o desenvolvimento das tecnologias para a otimização das práticas educativas quanto a capacitação dos educandos para seu manejo, assim como a recepção organizada, ativa e crítica das mensagens.

Esse profissional é chamado de Educomunicador, e sua área de atuação foi apontada na pesquisa do NCE.

De acordo com a resposta dos 178 entrevistados, foi possível constatar as principais funções exercidas pelos educomunicadores:

- Elaboração de diagnósticos no campo da inter-relação Educação/Comunicação, o que exige o conhecimento técnico específico e a visão de conjunto dos processos da

educomunicação. Esse conhecimento pode ser aplicado tanto a grandes sistemas, como uma emissora de televisão, quanto a pequenos espaços de atividade humana, como o projeto que iremos analisar;

- Assessoria dos educadores no uso adequado dos recursos da comunicação ou a promoção do emprego cada vez mais intenso das tecnologias como instrumentos de expressão dos envolvidos no processo educativo. Por exemplo, atuando na concepção de programas que levem a prática do uso dos meios de comunicação para a sala de aula;
- Implementação e coordenação de projetos de educação que se apropriem dos meios e utilizem essa apropriação para educar também para os meios;
- Reflexões sobre o novo campo, como a sistematização de informações que permitam esclarecer as demandas da sociedade em tudo que diga respeito à Educomunicação;
- Coordenação de ações e administração de processos de políticas públicas que se utilizem dos meios de comunicação como instrumento de Educação.

A ação resultante dessa atuação do educador em função da gestão comunicativa é o que Soares denomina de gestão participativa. “Entendemos que a gestão dos processos comunicacionais não é atributo de um único profissional, mas sim de toda a comunidade educativa”(1998:17).

Logo, em um processo de educomunicação, ações de gestão participativa são baseadas em interação, diálogo e tomada conjunta de decisões, com um educador atuando apenas como mediador dos procedimentos. Instituem um modelo de relação interpessoal diferente dos quais as pessoas estão acostumadas no sistema educativo tradicional.

O pesquisador Donizete Soares, que coordena um projeto de utilização de rádio nas escolas, em entrevista, explica que o modelo da gestão participativa recebe rejeição principalmente quando é aplicado em escolas. Segundo ele, os estudantes têm que ser estimulados a falar, expor suas opiniões. Mas acabam gostando da idéia. O problema é com os professores.

“Isso provoca nos professores um pepino danado porque eles querem manter o controle. Eles foram educados assim, manter o controle da escola, da sala. E assim que isso se reproduz no rádio. Até que é preciso dizer que não é por aí. É aí que ele vai se desenvolver essa questão e crescer”.

Segundo Grácia Lopes¹³, “a gestão participativa constitui-se, na verdade, em um novo paradigma administrativo. Toda e qualquer ação envolvendo um grupo de pessoas que faz desse preceito uma prática não somente se articula de um modo totalmente inovador como produz resultados muito positivos”. (2002:30)

Lopes aponta que a realização da gestão participativa, pelo fato de as ações individuais e coletivas serem definidas coletivamente, leva a uma grande alteração do ambiente. “A todos e a cada um é garantida a participação efetiva; por isso demandam tempo, paciência, tolerância – uma profunda aprendizagem de convivência social”. Para a educadora, o ambiente também é alterado pelo fato da inclusão do novo, do inusitado, do diferente.

“Trata-se pois, de um modo de ação que promove deslocamentos internos na constituição de áreas do conhecimento, como a Comunicação e a Educação. A gestão educacional dos ambientes derruba as supostas barreiras entre elas e inventa e cria um novo espaço. Isto é, altera o mapa dos saberes desenhados pela modernidade”.

Um campo multidisciplinar e multidiscursivo

Segundo Ismar Soares, o termo Educomunicação não reflete a abrangência do campo. Em entrevista, ele admite que “a Educomunicação é uma nomeação. Foi feita uma sistematização e um grupo de pessoas nomeou a realidade com esse substantivo. A nomeação poderia ter sido feita com outro conceito”.

“Nós sabemos que o conceito é neologismo, esse neologismo é parcial na sua descrição. Porém, a bem da verdade, a educomunicação é um campo multidisciplinar e multidiscursivo. Se o neologismo é educomunicação, o conceito é mais amplo do que isso”.

A multidisciplinaridade e multidiscursividade das ações educacionais são os principais argumentos de teóricos que defendem a existência de um novo campo do conhecimento.

¹³ LOPES, Grácia. *Educomunicação, psicopedagogia e prática radiofônica*. São Paulo, USP, 2002. Dissertação de mestrado da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo

Baccega¹⁴ acredita que a construção do campo da Educomunicação como novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes é uma tarefa complexa que exige o reconhecimento dos meios de comunicação como educadores primeiros, atuando junto com a escola, e é por meio deles que se passa a construção da cidadania. “Na complexidade desse encontro, os sentidos se ressignificam e a capacidade de pensar criticamente a realidade, de conseguir selecionar informação e de inter-relacionar conhecimentos se torna indispensável” (1999:7).

Para a autora, atualmente, o mundo é trazido editado à nossa percepção e ao nosso universo de conhecimento. “Como não podemos estar presentes em todos os acontecimentos, em todos os lugares, temos que confiar nos relatos. E o mundo que nos chega nos relatos é um mundo editado, ou seja, redesenhado num trajeto que passa por centenas, às vezes milhares de mediações até que se manifeste no rádio, na televisão, no jornal. Ou na fala do vizinho e na conversa dos alunos”.

“Se o mundo a que temos acesso é este, editado, é nele e para ele que se impõe construir cidadania. O desafio então é como trabalhar nesse mundo editado, presente no cotidiano, que assume o lugar de verdade única”. (2001:10)

Porém, ao mesmo tempo em que a sociedade recebe o mundo editado, ela o reedita novamente. Se, por um lado, de acordo com Baccega (2001:8), o comunicador é o sujeito que assume e configura o discurso da comunicação, ele também reelabora a pluralidade de discursos. É, segundo a nomenclatura da autora, “enunciador/enunciatário”.

Do outro lado está quem vai receber o produto: recebe os discursos da comunicação assim como recebe todos os outros discursos sociais que circulam em seu universo. “Como a comunicação só se efetiva quando ela é apropriada e se torna fonte de outro discurso, na condição de enunciatário também está presente a condição de enunciador. Ele é, portanto, enunciatário/enunciador”. Ou seja, recebe e ressignifica (reagrupando com outros conhecimentos) e informação originalmente emitida pelos meios.

Essa espécie de círculo vicioso é fundamental para entender a Educomunicação como um campo multidisciplinar e multidiscursivo, deixando de ser apenas uma interface para ser um campo de atuação específica. Em entrevista a esta pesquisadora, Soares explica:

¹⁴ BACCEGA, Maria Aparecida. “A construção do campo Comunicação/Educação”. In: *Revista Comunicação e Educação* nº 14, p. 7-15. São Paulo, Editora Moderna, 1999.

“No campo da Educomunicação, a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia, a Educação, as Tecnologias, a Comunicação, utilizam seus conceitos tendo como grande objetivo reverter a atenção que se dava aos pólos de um processo comunicativo. Os pólos tradicionais de um processo comunicativo são o pólo da emissão e o pólo da recepção. E a Educomunicação vem para, com a contribuição das várias ciências, reverter essa hegemonia e transferi-la para o campo da recepção, entendido como um campo de produção cultural a partir da mediação tecnológica. Isto é, com o advento dos meios de comunicação de massa e a sua popularização, ninguém no mundo hoje deixa de ter contato com eles. E ao ter contato com os meios, toda criança, todo adulto, recebe informações e passa a viver um ecossistema comunicativo. E começa a reagir a eles e a criar seu próprio universo simbólico, o seu próprio universo imagético e a suas próprias definições de vida. No caso esse receptor passa a ser um produtor cultural mediado pelos sistemas do meio de comunicação. No caso, essa mediação e a reação do receptor são feitas embasadas nas relações antropológicas dessa pessoa, a família, a raça, o gênero. Dos grupos sociais em que está inserido, nos seus projetos ideológicos de vida. A pessoa reage a partir de um universo que é multidisciplinar, multidiscursivo e aí a partir disso passa a construir alguma coisa. A ambição da Educomunicação é oferecer contribuições de distintas gerações (professores, pais, e crianças) no sentido de permitir que a produção cultural, a partir da recepção dos meios, ela seja vista também politicamente, também antropologicamente, de uma forma explícita para o receptor. Então o receptor não seria alguém que usa os meios de comunicação, porém alguém que faz do uso dos meios de comunicação uma plataforma para definir os seus valores e a sua produção da sociedade. Não porque a Universidade diga que deva ser assim. A constatação é que os que estão trabalhando nesse campo fazem assim”.

Críticas

Braga e Calazans não acreditam que a Educomunicação retrate um novo campo específico e interdisciplinar de conhecimento. Os autores propõem que o recorte dado ao campo não dá conta de todas as questões que possam surgir na interface da Comunicação com a Educação.

Para eles, as diversas questões abordadas no campo interdisciplinar específico da Educomunicação não pertenceriam exclusivamente a esse, mas também seriam objeto de estudo dos dois campos em geral. “Além disso, surgem sempre outras questões de interface que se subtraem ao rigor de um campo específico”.

Soares conta, em entrevista, que antes da reação de estudiosos dos campos, a Educomunicação sofreu a reação dos educadores. “Estávamos reunidos em Caxambu para um debate, e a coordenadora, uma professora, disse claramente: ‘Olha, nós somos contra alguns comunicadores que querem invadir nosso campo’”.

O teórico afirma que qualquer pessoa que estiver trabalhando na inter-relação da Comunicação com a Educação o fará a partir de uma perspectiva.

“O que nós fizemos aqui no NCE foi aproximar as áreas a partir das investigações, sabendo que existem milhões de outras. Nós não tememos o confronto do debate de idéias e sabemos que as informações que nós estamos divulgando ainda são poucas, frente ao volume das informações que temos. Nós sabemos que o conceito é neologismo, que muitas pessoas, de início, rejeitam, porque não foram elas que inventaram, então naturalmente não irão aceitar, e sua crítica virá sempre a partir da sua própria perspectiva”.

O professor explica que, na realidade, está pouco preocupado com a avaliação da Academia. “Nós queremos a avaliação da sociedade, porque nós fomos buscar na sociedade as informações, sistematizamos e estamos devolvendo à sociedade. Com relação à academia, nós queremos nos associar a outras pesquisas que fazem. Então, se existem pesquisas que tenham tendências opostas, vamos discutir. Nós não estamos absolutamente querendo convencer nenhum núcleo de pós-graduação do país, pois cada um tem um referencial teórico a partir do qual está desenvolvendo. E sim queremos manter um profundo contato com a sociedade”

A preferência pelo contato direto com a sociedade pode ser explicado pelo fato de os órgãos de pesquisa acadêmica (Capes, CNPq, Fapesp), segundo Soares, apresentarem dificuldades em encontrar avaliadores para projetos como os da Educomunicação. “Nós vamos muito pouco a eles buscar financiamento, e vamos buscar financiamento na sociedade. E é com a sociedade que queremos discutir, até que a Academia descubra a existência desse campo e comece a surgir pareceristas em condições de avaliar o que a gente está fazendo”.

Novo campo específico de conhecimento ou não, as áreas e metodologias de intervenção social educacionais levantadas pelo NCE existem na prática. Não somente como constatações de interfaces entre dois campos, mas também como ações que visam modificar estruturas vigentes. E é da perspectiva da Educomunicação que analisaremos o projeto *Cala-boca já morreu! – porque nós também temos o que dizer* .

2. ESTUDO DE CASO DO PROGRAMA *CALA-BOCA JÁ MORREU!* - PORQUE NÓS TAMBÉM TEMOS O QUE DIZER.

“Uma boa metodologia de educação na comunicação tenta criar uma atmosfera natural, na qual os receptores possam ter a oportunidade de escrever seu próprio texto. Treina-os para que se apropriem criativamente dos significados propostos pelo grupo... Tenta desenvolver os talentos pessoais de seus membros com uma metodologia educativa baseada na comunicação grupal, nos jogos e nas produções (José Martínez Terrero)”¹⁵

A partir deste capítulo, analisaremos o programa *Cala-boca já morreu!* – *porque nós também temos o que dizer*. Porém, antes de entrarmos em aspectos específicos da análise, se faz necessário destacar o ponto de vista que a fundamentou. Também apresentamos a contextualização do programa.

2.1 O projeto

O *Cala-boca já morreu!* – *porque nós também temos o que dizer* é um projeto social dirigido a crianças e adolescentes de 7 a 16 anos de idade, criado em agosto de 1995 pela psicopedagoga e mestre em Comunicação pela Universidade de São Paulo Grácia Lopes e pelo professor de filosofia da Universidade de São Paulo Donizete Soares. Eles são os responsáveis pela GENS – serviços educacionais, uma empresa de pequeno porte fundada em 1986 no bairro de Jaguaré, zona oeste de São Paulo. Na época, a empresa oferecia aulas de reforço para estudantes e assistência psicopedagógica a alunos com problemas de aprendizagem.

Para explicar o motivo da proposta de desenvolvimento de um projeto de Educação pelos Meios de Comunicação, a coordenadora apresenta, em sua dissertação de mestrado (2002:66-68) o que levou o GENS – Serviços Educacionais a pensar o projeto. Nos nove anos de experiência antes da criação do *Cala-boca já morreu*, a psicopedagoga teceu considerações a respeito do ensino que as crianças que procuravam as aulas particulares recebiam.

¹⁵ TERRERO, José Martínez. “Avaliação de metodologias na educação para os meios”. In. Comunicação & Educação, São Paulo, CCA/ECA/USP, (21):61 a 76, mai/ago.2001

Geralmente eram crianças com problema de aprendizagem. Um aspecto que chamou atenção durante as aulas de reforço foi a mudança de comportamento dos alunos. As crianças e adolescentes atendidos, antes desanimados ou irritados por terem aulas de reforço, em pouco tempo passavam a gostar de conversar sobre conteúdos de qualquer disciplina curricular. Com o passar do tempo, começavam a chegar mais cedo, alongar o tempo de conversa, olhar os profissionais nos olhos.

Essa foi a principal constatação que levou-os a buscar outras alternativas, para viabilizar momentos mais prazerosos com o conhecimento e permitir uma modalidade de ensino-aprendizagem diferente das utilizadas na escola. Começaram a realizar oficinas de rádio com os alunos que procuravam a empresa, em um projeto batizado de Rádio-Escola.

Logo surgiu a necessidade de viabilizar a exposição do que os meninos e meninas produziam. Em parceria com a Rádio Cidadã, emissora comunitária do Butantã, a professora Grácia conseguiu um espaço para que os integrantes das oficinas – que já não acontecem mais – mostrassem a sua produção. Surgia o projeto *Cala-boca já morreu! - porque nós também temos o que dizer*¹⁶.

O objetivo é que além de aprender a ler criticamente as mensagens que lhes chegam pelo rádio, jornal, TV e internet, os integrantes passem a se utilizar dos equipamentos próprios desses veículos para expressarem o que pensam e sentem, bem como para adquirirem conhecimentos sobre assuntos que não dominam. A intenção também é socializar o conhecimento produzido pelos adolescentes.

2.1.1 Viabilização

Para que os resultados das oficinas fossem incluídos nos meios oficiais de comunicação, uma vez que como o projeto não possui verba própria, foram necessárias parcerias com as Rádios Cidadã e Charme, emissoras comunitárias do Butantã, com a Rede A de Jornais de Bairro e com o Centro Dehoniano de Comunicação (para a realização de quatro vídeos, veiculados pelo Canal Comunitário da Cidade de São Paulo).

¹⁶ Inicialmente, o subtítulo do projeto era a frase “Porque criança também tem o que dizer”, mas os próprios integrantes decidiram mudá-lo para a sentença atual.

Segundo a professora, os parceiros cederam, sem custos, respectivamente, estúdios das emissoras, impressão e distribuição dos exemplares de jornal, equipamentos de vídeo e ilha de edição. Atualmente, apenas o programa de rádio semanal *Cala a boca já morreu! - porque nós também temos o que dizer* continua ativo (agora na Rádio Guadalupe FM, emissora comunitária do bairro de Quitaúna, em Osasco, São Paulo) . Os integrantes do projeto rateiam os R\$ 150,00 mensais dados à emissora para custear despesas como conta de luz e telefone.

2.2 Histórico

Desde o início do projeto até hoje, os participantes já realizaram aproximadamente 180 programas de rádio, apresentados em emissoras comunitárias. Também produziram cinco jornais e cinco vídeos de 15 minutos. Os jornais foram distribuídos pela região do Butantã e os vídeos veiculados no Canal Comunitário da cidade de São Paulo.

A parceria com a primeira rádio, com o canal universitário e com a rede A de jornais de bairro caracteriza o que o professor Ismar de Oliveira Soares chama de “gestão de processos comunicativos”, toda a ação voltada para o planejamento e execução de atividades intencionalmente educativas. (SOARES, 1999:40) São duas ou mais instituições diferentes unidas para um fim educativo permeado por um meio de comunicação.

O quadro abaixo¹⁷ resume a agenda de atividades do projeto desde sua criação até os dias atuais.

¹⁷ Extraído de LOPES, Grácia. Educomunicação, psicopedagogia e prática radiofônica. São Paulo, USP, 2002. Dissertação de mestrado da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo

Quadro 1: atividades do Projeto Cala-Boca já morreu...

	ANO	VEÍCULO
RÁDIO	Agosto de 1995 a julho de 1997	Rádio Cidadã – Emissora comunitária de Jardim Bonfiglioli, Zona Oeste de São Paulo, SP
	Novembro de 2000 a janeiro de 2001	Rádio Charme – emissora comunitária do Rio Pequeno, Zona Oeste de São Paulo, SP
	Março de 2001 até a presente data	Rádio Guadalupe FM, emissora comunitária de Quitaúna, Osasco, SP
JORNAL	Maior de 1996 a julho de 1997	Rede A de jornais de Bairro – São Paulo, SP
	Junho de 2000	Boletim informativo do GENS – Serviços Educacionais, Jaguaré, São Paulo
VÍDEO	Dezembro de 1998 a março de 1999	Canal comunitário da cidade de São Paulo

Atualmente, participam do *Cala-boca já morreu* cerca de 20 adolescentes da Zona Oeste de São Paulo, das mais distintas classes e segmentos sociais. Desde a que estuda em colégio

de vanguarda ao que estuda em escola municipal, de moradores de grandes casas a moradores de favelas.

O modo como os adolescentes são selecionados para o projeto é diversificado. Os que estão desde o princípio entraram por serem alunos do Gens. Outros entraram porque foram apresentados ao projeto por amigos integrantes ou porque eram irmãos de participantes. Apenas um membro não tinha contato anterior com o grupo. Liz Nátalie, 17, viu uma entrevista do grupo na TV Cultura, telefonou para a coordenadora do projeto, passou por uma entrevista e ingressou.

Para fazer parte do grupo, os pais das crianças têm que estar de acordo e assinar uma autorização permitindo a veiculação de imagens das crianças.

2.3 A escolha do rádio como elemento de dinamização social e do aprendizado de adolescentes

De acordo com a coordenadora Grácia Lopes, como a intenção do projeto é promover a auto-estima e a expressão das pessoas, “seria impossível ignorar os meios de comunicação de massa”. Donizete Soares frisa: “Desde o começo, queríamos abrir e garantir espaço de manifestação do que pensam e o que sentem as crianças e os adolescentes”.

A coordenadora, em sua dissertação de mestrado, conclui que os meios de comunicação, em especial os audiovisuais, ao disponibilizar a informação ao espectador, estão muito mais interessados em mostrar a sua capacidade de dar a conhecer a sua sofisticada produção do que apresentá-la como passível de ser transformada em conhecimento. “Detentores da verdade, deslocam-se da função de mediadores entre o conhecimento e o sujeito para focarem-se como protagonistas no processo de comunicação”.

Porém, a partir do momento em que o alvo da informação (os adolescentes) se apropria do veículo de transmissão para eles próprios produzirem a informação, a coisa muda de figura. A pesquisadora conclui que a apropriação do rádio “traduz-se como uma forma de promover a aproximação das pessoas, através de conversas veiculadas pelo meio de comunicação radiofônico (...). Uma ação que permite examinar, praticar, considerar experiências comuns

e, por conseguinte, conviver, ouvir (o outro e a si mesmo), e expressar (para si e para o outro) conteúdos que são pessoais mas que diz ao outro algo que também lhe é próprio”, explica (LOPES, 2002:60)

Para Paulo Freire¹⁸, “as sociedades a que se nega o diálogo – comunicação – e, em seu lugar, se lhe oferecem comunicados, resultantes da compulsão ou doação, se fazem preponderantemente mudas – O mutismo não é propriamente inexistência de resposta. É a resposta a que falta teor marcadamente crítico”. É justamente essa ausência de crítica que é revertida com o processo de apropriação dos meios, uma das áreas de intervenção social da Educomunicação, realizada pelos integrantes do Cala-boca já morreu .

“As práticas psicopedagógicas dão-nos conta de que somente se adquire segurança e se reconhecem as próprias competências porque existe um Outro com quem se partilha o conhecimento. Derivam, portanto, da qualidade do vínculo que estabelecem os protagonistas do processo de aprendizagem (...) Levando-se em conta também que para falar com o ouvinte o pequeno comunicador exige de si, mesmo sem saber, um inventário, um levantamento daquilo que já sabe, seguido de um aval, uma autorização interior para revelar um conhecido para um outro, não se estamparia nesse momento a maneira como ele estaria constituindo o pensamento, elemento indispensável para a sua constituição como sujeito de autoria? (LOPES, 2002:65)

A possibilidade visualizada pelos coordenadores do projeto com a realização do programa de rádio em uma emissora comunitária foi a de concepção e realização de uma educação descentralizada. “Uma educação descentralizada, efetivamente construída e validada pelos protagonistas dos programas. Uma educação que promovesse um aprendizado que fosse além dos conteúdos escolares, em geral, centralizado na figura de um único professor”(LOPES, 2002:67). Essa educação descentralizada caracteriza a gestão participativa pregada pela Educomunicação.¹⁹

2.4 Procedimentos metodológicos de pesquisa

Para a descrição e análise do programa *Cala-boca já morreu! - Porque nós também temos o que dizer*, experimentamos metodologias da abordagem qualitativa que se amparam em técnicas híbridas de produção de conhecimento. Realizamos um estudo de caso baseado em observação participante e entrevistas não-estruturadas com os integrantes do projeto.

¹⁸ Educação para a Liberdade, p.65

¹⁹ Assunto tratado no capítulo 1.

Segundo Lúcia Santaella, com exceção da pesquisa empírica, que tem uma abordagem quantitativa, “não existe consenso, não obstante algumas similaridades, sobre outras variadas espécies de metodologias e de pesquisas”. Para ela, isso gera a necessidade de orientadores que estimulem a aplicação de metodologias mistas, integradas, “que vêm se acentuando como uma tendência, especialmente na área de comunicação, tendo em vista o seu perfil interdisciplinar”²⁰.

O estudo de caso foi o método de procedimento escolhido para este trabalho. Segundo Laville e Dione²¹, a grande vantagem desta estratégia de pesquisa é a possibilidade de aprofundamento que oferece, “pois os recursos se vêm concentrados no caso visado, não estando o estudo submetido à comparação do caso com outros casos”.

Como o objetivo do trabalho é descrever um projeto de Educomunicação e seu funcionamento, e seria impossível fazer isso de forma generalizada, o estudo de caso aparece como a metodologia mais adequada. Trata-se de um tipo de pesquisa de forte cunho descritivo. Não pretende intervir sobre a situação, mas sim fazê-la conhecer tal como ela é. No entanto, segundo Laville e Dione, um estudo de caso, apesar de toda a profundidade, não exclui toda a forma de generalização. Uma vez escolhido casos representativos, pode-se extravasar do particular para o geral.

De acordo com Regina Tarroco²² “estudo de caso não é uma escolha metodológica, mas uma escolha de objeto a ser estudado. Escolhemos estudar o caso”. A escolha do programa de rádio *Cala-boca já morreu! – Porque nós também temos o que dizer* para ser estudado se deveu a dois fatores. O primeiro, porque foi o primeiro contato que tivemos com a Educomunicação e o que nos levou a pesquisar e tentar entender mais sobre o assunto. O outro fator de escolha se prende ao fato de, nas palavras do diretor do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, Ismar Soares Oliveira (em entrevista a esta pesquisadora), o projeto ser um paradigma nessa área de intervenção social.

²⁰ SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação & Pesquisa*, São Paulo, Hacker Editora, 2001.

²¹ LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. *A Construção do Saber*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1999

²² TARROCO, Regina. *Leituras e Leitores : A Magia das Letras, Imagens e Vozes* – dissertação de mestrado. In <http://www.powerline.com.br/jung/link809.htm>

“O Cala-boca já morreu é uma experiência que permite inicialmente o contato de um grupo de crianças com a mídia. Esse contato, entretanto, é conduzido a partir de uma perspectiva de gestão no sentido de que essas crianças não se reúnem apenas para ter uma aula a respeito de como funciona os meios de comunicação, mas sim para se auto-organizarem e se auto-gestionarem. Efetuado esse conjunto de práticas, existem intencionalidades. Uma delas é a intencionalidade educativa, porque eles estão aprendendo. Existe uma intencionalidade de estar realizando práticas sendo mediadas pelas tecnologias, porque estão permanentemente usando as tecnologias, no caso, o rádio. Por outro lado, as crianças e os adultos estão em processo de reflexão permanente sobre o que estão fazendo. Uma avaliação não só na base dos parâmetros tradicionais, mas na busca de um referencial para a sua própria avaliação, o que constitui então aquilo que chamamos de uma reflexão epistemológica sobre o trabalho. É um projeto completo porque permite manifestar todas as áreas da Educomunicação”.

Os dados utilizados para a descrição e análise do programa no estudo de caso foram obtidos por duas experimentações de estratégias de pesquisa. Uma delas foi a observação participante. Laville e Dionne (op. cit., p.154) afirmam que um dos princípios dessa pesquisa de natureza antropológica é o de que “compreender um universo como ele é não é julgá-lo ou compará-lo a um outro. Isso supõe, de preferência, que seja observado do interior” .

Os cientistas sociais afirmam que este tipo de abordagem pode oferecer informações raras e que as pessoas que são objetos da pesquisa não forneceria voluntariamente. “Sem contar que as revelações então obtidas são coletadas no contexto, o que permite dar-lhes mais sentido”, afirmam.

Para mostrarmos a dinâmica de funcionamento do programa, participamos de uma reunião de pautas do programa de rádio e da apresentação do referido programa nos estúdios da rádio. Quisemos obter informações que não poderíamos obter de outra maneira. Laville e Dionne afirmam que a riqueza das informações obtidas com esta estratégia de pesquisa qualitativa está ligada ao fato de que dessa maneira, se encontram comportamentos reais, freqüentemente distantes do comportamento verbalizado.

As entrevistas não estruturadas foram realizadas com os integrantes do projeto - os realizadores do programa -, com os coordenadores do projeto e com algumas pessoas

citadas nessas entrevistas que pareceram importantes para o desenvolvimento deste trabalho.

O material obtido com estas entrevistas é utilizado de diversas formas neste estudo de caso, principalmente como ilustração das descrições que fazemos dos aspectos observados e como explicações da utilização de alguns métodos destacados em nosso trabalho. O material obtido com as entrevista com os adolescentes integrantes do projeto também foi utilizado para uma breve experiência de análise do discurso no capítulo 4, observando o referencial do protagonismo juvenil.

O conteúdo do programa do dia 07/07/2002, em cuja apresentação estivemos presente, é utilizado da mesma maneira que as entrevistas: como ilustração e explicação de nossas análises e descrições. No capítulo 4, realizamos uma breve experiência de análise de conteúdo do programa, dentro da perspectiva da mobilização social.

3. O PROGRAMA DE RÁDIO

Atualmente, o programa de rádio que tem o mesmo nome do grupo é levado ao ar todos os domingos, das 16h às 18h, pela Rádio Guadalupe FM, uma emissora comunitária do bairro de Quitaúna, zona de classe média-baixa e baixa da cidade de Osasco, SP.

É apresentado ao vivo. As crianças e adolescentes participam de todas as fases de produção. Desde a elaboração da pauta, em uma reunião realizada todas as terças-feiras, passando pela operação técnica, até a apresentação.

Mas nem sempre foi assim. Seis meses se passaram até que a necessidade de que as crianças participassem também da operação técnica do programa fosse percebida. Foi um episódio ocorrido com um integrante do grupo, em janeiro de 1996, que desencadeou a visibilidade dessa necessidade. O próprio integrante, Thiago Lolo, hoje com 17 anos, conta o ocorrido.

“Logo no começo, eu comecei a ficar fascinado pela mesa de som. Poder ficar meia hora ali já era realizar um sonho para mim. Então eu comecei a olhar o pessoal operando, o que eu não sabia muito eu ia lá e perguntava. Só que tinha um técnico lá (na rádio Cidadã) que era muito chato. Eu cheguei pra ele e falei: ‘Qualquer dia eu vou operar melhor que você’. Ele saiu e falou: ‘senta aí e opera’. Eu tinha 11 anos na época. A partir daí, a técnica ficou com a gente e, mais tarde, era o caminho que eu ia ver que eu queria seguir mais pra frente”.

3.1 Os blocos

Atualmente, o programa é dividido em seis blocos fixos, todos criados pelos participantes:

- **Notícia quente é com a gente:** Trata de temas diversos de interesse das crianças, sempre ligados com acontecimentos recentes da semana. Pode ter entrevistas com especialistas no assunto discutido, para repercutir a notícia. As entrevistas são sugeridas e realizadas pelos próprios integrantes.
- **Acorda meu filho:** É específico para expor as reclamações dos jovens sobre acontecimentos e vivências cotidianas. São comuns reclamações sobre a escola, sobre o preço de alguma coisa, sobre o tratamento dado a eles. A situação é exposta e debatida entre os participantes. O ouvinte é convidado a ligar e reclamar do que bem entender.
- **Espaço Sideral:** Notícias sobre pesquisas e descobertas espaciais. Debate entre os jovens e explicação para os ouvintes sobre o que a notícia pode afetar na vida cotidiana.

- **Criança Ecologia:** Bloco dedicado a questões ambientais. Aborda desde extinção de espécies de plantas e vegetações, poluição da água, do ar, até questões mais complexas, como desenvolvimento econômico sustentável.
- **Leitura da hora:** Comentários e indicações de livros que os participantes já leram ou estão lendo. Às vezes, são realizadas entrevistas com escritores cujos livros foram lidos e discutidos por todo o grupo na reunião de preparação. Pedro Bandeira e Maurício de Souza são exemplos de personalidades que já foram entrevistadas pelos integrantes do grupo.

3.1.1 O gênero do programa

A pesquisadora Sandra Sueli Garcia de Sousa, em 1997, apresentou dissertação de mestrado ²³ sobre a Rádio Cidadã, a primeira em que o programa foi apresentado. No trabalho, dedicou 20 páginas a análise do programa *Cala-boca já morreu! - Porque nós também temos o que dizer*, dentro de um estudo dos gêneros de programas apresentados pela emissora.

Em seu estudo, Sousa utilizou a tipificação de gêneros de programas de rádios do pesquisador André Barbosa Filho²⁴, que sugere uma classificação “em razão da função específica de seu objeto diante de sua audiência”, os programas de rádio podem ser classificados em sete categorias:

- Educativo-cultural – difunde conteúdos que contribuem para a formação do ouvinte em saúde, cultura, educação, entre outros. Esse gênero apresenta-se sob a forma de debate, entrevistas, reportagens.
- Publicitário – Difunde os anúncios comerciais (*jingle, spots, propagandas*).
- Jornalístico – Voltado para a informação. Vai desde a nota de determinado acontecimento até uma análise mais sistemática e detalhada. Incluem-se no gênero as notícias, o rádio-jornal, as entrevistas, os debates, entre outros.

²³ SOUSA, Sandra Sueli Garcia de. *Rádios Ilegais: Da legitimação à democratização das práticas*. São Bernardo do Campo. UMESP, 1997.

²⁴ BARBOSA FILHO, André. *Gêneros Radiofônicos; tipificação dos formatos em áudio*. São Barnardo do Campo, IMS, 1996. Dissertação de Mestrado.

- Entretenimento – Apresenta-se, principalmente, na forma de musicais, programas de humor e ficção.
- Propagandístico – a proposta do gênero é difundir idéias e preceitos. Encaixam-se aí os programas eleitorais, institucionais e religiosos.
- Prestação de serviço – informações de utilidade pública, como campanhas, trânsito, telefones úteis.
- Especial – inclui vários objetivos em um só programa. Classificam-se como especiais os programas infantis e os de variedades.

À época da dissertação de mestrado, Sousa classificou o *Cala-boca já morreu* como gênero especial, “um programa infantil que pretende divertir, educar e informar (...). a diferença entre esse e outros programas do mesmo perfil é que neste as próprias crianças determinam o que está no ar”.

A classificação como programa infantil tem uma razão de ser. Na época, os integrantes do grupo tinham menos de doze anos e o programa contava com outros cinco blocos que, com o tempo e o crescimento das crianças – e conseqüentemente a mudança de foco nos interesses – deixaram de existir. Eram eles:

- **Nham, hnam:** No bloco, eram passadas receitas culinárias feitas comprovadamente pelas crianças e possíveis de serem feitas por outras crianças.
- **Tamanho não é documento:** Recebia convidados mirins para mostrarem seus talentos.
- **Beijinho de amor:** Uma das integrantes do grupo interpretava uma personagem romântica que lia cartas, versos e recados de ouvintes apaixonados e eventualmente dava conselhos.
- **Rádio-novela:** Tratava-se de livros transformados em novelas, gravadas pelas crianças nas reuniões semanais de elaboração do programa. Não era contínuo. Atualmente, os integrantes pensam em retomar o bloco.

- **Jornal besteira:** Quadro de humor elaborado pelos meninos que mesclava piadas, adivinhações e curiosidades.

Como pode se perceber, todos os quadros que se encaixariam na definição de Barbosa Filho como gênero de entretenimento deixaram de existir. Junto com eles, a característica infantil do programa.

Os blocos fixos que continuam presentes poderiam ser classificados, ainda na concepção de Barbosa Filho, como jornalísticos (“Notícia quente é com a gente”, “Criança Ecologia”, “Espaço Sideral” e “Leitura da Hora”) e prestação de serviços (“Acorda, meu filho”). São blocos voltados para levar a informação à comunidade na qual o programa é apresentado, visando não apenas as crianças.

Portanto, a nosso entender, a classificação como gênero especial infantil não cabe mais à atual fase do programa. A classificação como “especial” continua, já que mistura dois gêneros específicos (jornalístico e serviço) e, entre os blocos, a música entra como entretenimento.

3.1.2 A utilização do som

O programa *Cala-boca já morreu!* - porque nós também temos o que dizer é quase todo apenas falado, em formato de um grande debate. Elementos sonoros são utilizados apenas nas vinhetas e nas músicas tocadas entre blocos. Olhemos de perto essas duas maneiras de utilização do som.

As vinhetas foram todas criadas e gravadas pelas crianças. Para interpelar a recepção, elas utilizam recursos do campo da Comunicação, como entonação de voz, dramatização e repetição. A vinheta do bloco Acorda, meu filho! – espaço reservado para as reclamações dos participantes e dos ouvintes exemplifica bem a questão.

Nela, alguns integrantes gravam, em diferente entonação, a frase Acorda, meu filho. “Pô, meu filho, acorda!” e “Acorda aê” são as variantes utilizadas da frase na vinheta. A intenção é chamar a atenção para o espaço no qual o ouvinte tem de reclamar e denunciar situações que o incomoda, além de convocar o despertar para essas situações.

As músicas são utilizadas entre blocos, como que para dar uma “refrescada”. Funciona como o intervalo das rádios comerciais – rádio comunitária não tem espaço publicitário. Quando alguma empresa ou estabelecimento é citado, é como troca por doações (materiais, não em dinheiro).

A utilização das músicas é significativa para a expressão dos integrantes. A pessoa que se oferece, na reunião de preparação, para a operação técnica do programa seguinte, fica responsável pela programação musical. Mas na verdade, as músicas são escolhidas por todos os integrantes.

No programa do dia 07/07/2002, em cuja apresentação estivemos presente, efetuando observação participante com registro, Mariana Casellato (que se oferecera para operar a mesa de som na reunião de preparação) levou diversos CDs e os outros integrantes escolheram músicas. Das seis músicas veiculadas no programa daquele dia, ela escolheu apenas duas.

O estilo das músicas veiculadas é definitivamente nacional, variando entre a MPB e o pop. Às vezes, a música internacional entra na programação a pedido de algum integrante, mas essa é uma situação rara.

3.2 A reunião de preparação

Em entrevista a esta pesquisadora, o coordenador do projeto Donizete Soares, define o resultado das reuniões de pauta.

“É muito surpreendente a reunião. Eles rendem pra caramba em uma hora e meia, duas horas. Tantas reuniões que duram horas e não acontece nada. Eles produzem nesse sentido. Definem várias coisas. Assumem o papel de coordenadores, de responder por aquele momento”

Toda semana, às terças-feiras, por volta de 19h30, o grupo se reúne na casa da coordenadora do projeto²⁵, no bairro do Butantã, Zona Oeste de São Paulo, para avaliar o

²⁵ Originalmente, as reuniões eram feitas na sede do GENS – Serviços Educacionais, em Jaguaré, na Zona Oeste de São Paulo. Por motivos financeiros, os coordenadores do projeto tiveram que abrir mão do local e,

programa anterior e definir os temas do programa seguinte. Ninguém é obrigado a participar das reuniões. Elas são conduzidas e as decisões são tomadas de acordo com o conceito de *gestão participativa*²⁶

O encontro de duas horas de duração é dividido da seguinte maneira:

- Informes: O grupo trata de assuntos gerais. Quem tiver notícias, informações e atualizações sobre o projeto, rádios comunitárias, escola ou fontes de informação, se manifesta.
- Pauta: é a parte em que o grupo avalia o programa anterior; define os temas que serão abordados em cada bloco do próximo programa, confirma quem vai estar presente no próximo programa e identifica quem ficará encarregado da programação musical e da operação técnica do programa seguinte.

Cada reunião inicia-se pelo oferecimento voluntário de um adolescente para coordenar o debate. As funções básicas do coordenador são organizar a pauta da reunião, cuidar para que os assuntos sejam discutidos na ordem combinada e evitar a dispersão do grupo.

Também antes que o debate comece, um adolescente se voluntaria para redigir a ata da reunião. No documento, digitado no computador da casa da coordenadora do grupo, são registrados os presentes na reunião, os informes, a avaliação do programa anterior, os temas escolhidos para o próximo programa, as possíveis entrevistas, quem irá participar, quem irá à rádio no domingo seguinte.²⁷

Apesar de a ata da reunião resumir tudo o que aconteceu, vários participantes levam cadernos e anotam tudo o que foi escrito. De acordo com a idealizadora do projeto, “esse formato, passível de mudanças, dá noção de limite a todos. É preciso aprender a lidar com o tempo, aprender a ouvir e a argumentar para depois então, decidir os rumos de um grupo do qual cada um é integrante ativo e especial”. (LOPES, 2002:88)

há dois anos, a reunião é realizada na casa dos coordenadores Grácia Lopes e Donizete Soares. Os adolescentes parecem não se incomodar em sentar no chão frio em uma sala pequena. “Pelo contrário, até os uniu mais”, acredita Soares.

²⁶ Assunto abordado no capítulo 1.

²⁷ A ata da reunião do dia 02/07/2002 pode ser vista na íntegra no Anexo 1

Na reunião do dia 02/07/2002, onde efetuamos observação participante com registro, estavam presentes quatorze adolescentes integrantes do projeto, além de um jovem visitante. Bruno Luiz, 14 anos, morador de uma favela do Jaguaré, frequenta regularmente as reuniões do grupo mas não é integrante oficial do projeto. Os pais não assinaram a autorização da participação do menino. Ele alega que o pai, técnico em informática, e a mãe, costureira, não têm tempo para conversar com a coordenadora e conhecer o *Cala-boca já morreu* de perto, apesar de o garoto já ter insistido bastante.

“Meus colegas fazem parte do projeto aí me chamaram para conhecer. Aí eu fui e gostei. eu gosto mesmo do projeto. É o jeito educativo dele. Vou na rádio, falo, participo, também mexo na parte técnica... Eu não sabia nada desses negócios assim... Não sabia sobre drogas, lixo, não conhecia esse mundo”.

Mariana Casellato se ofereceu para coordenar a reunião. A primeira pergunta foi: *Quem tem informes?* Quatro tinham. Ela anotou os nomes e chamou, na ordem, um a um para falar o que queriam.

No encontro daquela terça-feira, fora à reunião dois participantes que estavam há um bom tempo sem aparecer – Thiago Lolo e Maíra Moraes. Curiosos, queriam saber o que tinha mudado, quem tinha entrado no grupo e inclusive se o programa continuava, pois a Rádio Guadalupe havia sido fechada²⁸. Prontamente os integrantes mais assíduos responderam a pergunta e a única novata – Mariana Teófilo, com dois meses de projeto, se apresentou aos dois.

Os outros informes dados, foi a hora da avaliação do programa anterior. Fatidicamente, o carro da coordenadora do projeto – que dá carona à maioria dos integrantes – quebrara no domingo, dia 31 de junho. Nem ela nem grande parte dos componentes do grupo puderam ir ao estúdio. Apenas Jefferson e Thiago Luna apareceram na rádio.

Os dois, sempre acostumados a contar com o apoio dos outros participantes, apresentaram o programa com a cara, a coragem e sem o guia do programa daquele dia – eles não copiaram os temas definidos na reunião anterior. Thiago Luna ficou na técnica e Jefferson no estúdio. Eles falam sobre a experiência.

²⁸ Conforme explicaremos adiante.

“A gente não tinha o que falar na hora, tinha que improvisar, assim, não tinha uma produção pra gente passar um conteúdo. A gente ficou muito perdido, assim. Eu tinha as minhas informações, o que eu sabia, mas eu acho que faltou mesmo uma organização e faltou mais pessoas e entrevistados para ter uma conversa produtiva. Acho que precisa ter roteiro e ter convidados, porque você vai trocando idéias, renovando conhecimentos, renovando seus ideais também.” (Tiago Luna, 14 anos)

“A minha mão tava suando, o maior nervosismo. A nossa salvação é que o Tiago já tinha uns dois blocos em mente. Deu pra pegar uns 40 minutos do programa que ele sabia, assim, para enrolar. E você não tem roteiro, ele não sabia que bloco que era, sabia que era o de ecologia, mas não sabia o que era pra falar, então mandou eu falar de Mata Atlântica. Eu sei que eu fui falando, pra mim ficou meio embaralhado. Por que eu não pesquisei então eu não tinha o que falar. Aí ele falou para eu falar de mata e eu fui falando o que eu sabia mas eu acho, não ouvi o programa, mas acho que saiu bem enrolado esse bloco. Por isso que agora eu aprendi que é preciso ter um roteiro e pesquisa”. (Jefferson Santana, 15 anos)

Curiosamente, ambos anotavam em pormenores o que estava sendo debatido, dito nos informes e o que ficou definido como temas dos blocos do programa do dia 07/07. O relato dos integrantes demonstra que a situação proporcionou aprendizado sobre situações relacionadas ao exercício da realização de um programa produtivo, sobre a importância do grupo para que o debate seja rico e a importância da pesquisa, de procurar informações depois da reunião de pauta. Se eles tivessem procurado pesquisar sobre os temas definidos na reunião anterior, provavelmente teriam passado por menos problemas ao apresentarem, sozinhos, um programa.

Passada a avaliação do programa anterior, permeada por muitos risos e brincadeiras com os dois meninos, passou-se à definição dos assuntos dos blocos:

Para o “Notícia quente é com a gente”, ficou definido, por sugestão da coordenadora Grácia Lopes e da adolescente Ísis Lima, apoiadas por todos (Durante toda a reunião, ao final de cada sugestão o autor pergunta *Vocês concordam*), que o tema do bloco seria a Conferência Rio + 10. Realizado entre 26 de agosto e 04 de setembro de 2002, o evento discutiu avanços e retrocessos dos países que assinaram a Agenda 21 de comprometimento com o desenvolvimento sustentável dez anos antes, na ECO-92.

Na época da reunião, tinha acabado de acontecer no Rio de Janeiro o encontro preparatório para a Conferência, da qual Isis²⁹ tinha participado, e muito ativamente. A menina deu um

²⁹ Isis participou da comitiva jovem que integrou o encontro preparatório e, com argumentos fortes, convenceu o presidente Fernando Henrique Cardoso que a delegação oficial brasileira precisava da presença de jovens. Ela foi convidada a participar da delegação. Ver matéria no anexo 2.

briefing sobre os principais assuntos discutidos e todos se comprometeram a pesquisar mais. Também se comprometeram a tentar uma entrevista com o representante do governo brasileiro que iria para Johannesburgo, Fábio Feldman.

Alguns adolescentes ponderaram: ele era uma pessoa muito ocupada e com certeza não poderia ir ao estúdio. Mas as meninas estavam empolgadas. Ficou decidido que, se não fosse possível levá-lo ao estúdio, “*invadiremos a casa dele com o gravador na mão*”, segundo as palavras de Isis. A integrante acompanhada por outros seis membros da equipe – apenas um menino - se voluntariaram para tentar fazer contato com o representante e, caso necessário, realizar a “invasão”.³⁰

Para o bloco “Espaço Sideral”, Mariana Caselato se ofereceu para pesquisar atualidades sobre as descobertas espaciais, e todos concordaram prontamente.

Para o bloco “Leitura da hora”, ninguém tinha a mínima noção do que fazer. Segundo Isis, “Ah, como a gente está de férias ninguém está lendo nada agora”. O quadro foi salvo por Gabriela Caselato, que lia no momento – de livre e espontânea vontade - o livro *Comédia da Vida Privada*, de Luís Fernando Veríssimo.

A integrante reclamou que estava sentindo falta da rádio novela. O grupo concordou, mas alegou falta de tempo para a produção, que sempre foi feita em momentos fora do estúdio. Sugeriram que ela e a irmã Mariana gravassem, em formato de rádio novela, alguns contos do autor presentes no livro. As meninas concordaram.

Durante a reunião, a integrante Maíra Moraes, 13 anos, expôs um acontecimento ocorrido com ela durante participação no projeto Educom.rádio, política pública da secretaria de educação da cidade de São Paulo que utiliza a metodologia do *Cala-boca já morreu* para inserir o rádio nas 455 escolas municipais de ensino fundamental da cidade³¹. A turma sugeriu que a bronca fosse gravada para ser apresentada no bloco “Acorda, meu filho!”, já que a menina havia avisado de antemão que não iria ao estúdio.

³⁰ No fim das contas, nem a entrevista em estúdio nem a gravada puderam ser realizadas. Fábio Feldman passou a semana inteira fora de São Paulo, cidade onde mora.

³¹ Trataremos desse desdobramento do projeto *Cala-boca já morreu* adiante

A reclamação, que foi ao ar no programa do dia 07/07/02, retrata bem como a participação em processos de gestão participativa trabalha o processo de percepção do significado da liberdade de expressão e da tomada conjunta de decisões.³² Maíra, integrante do *Cala-boca já morreu* desde 1999, observa agora a dificuldade de se aplicar em espaços maiores a proposta de uma ação integrada entre educadores e educandos.

No sábado anterior à reunião, a integrante e outros colegas de escola que participavam do *Educom.rádio* se reuniram com os professores que também participam do projeto, coisa que não acontecia freqüentemente. “Nos sábados os professores ficam ouvindo palestras e os alunos ficam na prática, conhecendo melhor o rádio, a gente fica aprendendo, só que separado dos professores”, conta Maíra em seu depoimento. O tema do programa que os professores e alunos, em conjunto, iriam apresentar era o que o projeto *Educom* representa na vida deles.

“Aí eu falei assim: ‘Ah, poxa, vamos contar que foi muito legal, o que a gente faz no Educom, como é que é’. A maioria dos professores que estavam lá falaram que não era pra gente dizer isso, e sim para falar que o Educom é maravilhoso, pra todos participarem. Ou, como eles colocaram, para ‘vender o peixe’, fazer propaganda. Porque a TV cultura ia a filmar a gente no programinha de rádio e os professores entenderam que era pra aproveitar esse gancho e fazer uma propaganda. Eu fiquei chateada, porque acho que seria legal fazer um programa em que cada um pudesse falar: “Olha, eu gostei dessa e dessa parte, não gostei dessa”. Os professores falaram que não poderiam dizer o que não tinham gostado. Daí eu perguntei por que, né. Aí eles falaram “Porque se não eu vou falar que foi tudo”. Eu fiquei muito chateada, porque eu gosto muito de rádio, ela desmoralizou tudo o que eu gostava na rádio. Ela chegou e falou assim: “Ah, é uma chatice eu ter que acordar cedo pra aturar gente falando, aluno querendo mandar em mim, fora essas crianças que se acham gente, que ficam monitorando a gente”.

Independentemente do que achavam os professores, Maíra deu uma entrevista à TV Cultura falando sobre as dificuldades do trabalho em conjunto de professores com alunos.

“Depois a diretora da minha escola, falou ‘Vocês estão sendo mandadas pelo pessoal do Educom para falar falar isso. Quem que obrigou vocês a falar isso?’. Aí ficou muito chato. Eu comecei a chorar, porque falaram pra gente que a gente tinha sido mandada, que alguém pagou pra gente fazer aquilo, que a gente humilhou a nossa escola na frente da TV Cultura. Eu realmente não gostei. Os coordenadores do Educom também não gostaram. Eu acho que todo mundo devia se unir mais ao invés de ficar brigando e acho que a gente não merecia ter vivido o que a gente viveu porque quem tá ali deveria estar ali porque gosta, não porque está sendo obrigado.”

³² Assunto tratado no capítulo 1.

3.3 A apresentação do programa

Os programas são apresentados ao vivo, no estúdio da Rádio Guadalupe FM, emissora comunitária do bairro de Quitaúna, na cidade de Osasco. A duração do programa é de duas horas, das 16 às 18h do Domingo. As crianças não são obrigadas a irem ao estúdio. Vai quem quer e quem pode. No programa do dia 07/07/02, cuja apresentação acompanhamos, das 14 pessoas que estavam na reunião de pautas, dez compareceram. Segundo a coordenadora do projeto, esse é um número grande. Geralmente entre seis a oito pessoas participam das apresentações.

Aliás, nada é obrigatório no projeto. Durante um certo período de tempo, houveram regras específicas, formuladas conjuntamente, para os faltosos nas reuniões de preparação e na apresentação ao vivo: três faltas não-justificadas excluía a pessoa do grupo. Isis Lima, 15, uma das primeiras integrantes do projeto, explica que as regras foram excluídas por baterem de frente com a proposta do Cala-boca...: “ Se é um projeto para a gente se expressar livremente, não podemos obrigar as pessoas a fazerem o que não querem”.

3.3.1 O roteiro

Os guias utilizados pelos integrantes do programa passaram por diversos formatos. No princípio, eram redigidos pela própria coordenadora a partir do que as crianças falavam nos encontros para a preparação do programa. “Os primeiros programas, embora definidos pelas crianças, embora traduzissem o que em reunião gostariam de tornar público, eram pouco espontâneos”. (LOPES, 2002:89)

Segundo a coordenadora, não demorou muito para que os integrantes percebessem a importância de um bom guia. “Aqueles que, no dia da apresentação, ficavam na operação de som, por exemplo, passaram a entender que aquela função não era mecânica, e sim ligada estreitamente com o que acontecia no estúdio. Se ele, operador de som, não estivesse com a orientação na mão, ficaria mais difícil saber a ordem das músicas, das vinhetas: ele dependeria de alguém”, explica Lopes (op. cit., p. 90).

A percepção da necessidade de um roteiro demonstra que a proposta educacional do projeto, além de oferecer espaço para o exercício da auto-expressão e da aprendizagem

coletiva, oferece subsídios para um entendimento do funcionamento dos meios de comunicação, nesse caso em especial o do rádio e até mesmo de formar uma visão crítica.

“Quando você está fazendo uma coisa você sabe como é que isso funciona. Você consegue avaliar as mídias, os meios de comunicação. Você conseguir ver e ouvir aquilo de uma outra maneira, não só do jeito que estão querendo te passar. Então quando eu estou vendo um programa de TV, entre aspas eu tô tentando entender um pouco mais do que está querendo se passar com aquilo. Não simplesmente o que eles querem que a gente entenda. Porque quando você está atrás da câmera, da mesa de rádio, você consegue ver a diferença que tá ali e quando você está assistindo na TV o vê o que já vem pronto pra você e já tem mais ou menos uma idéia disso”. (Mariana Manfredi, 14 anos)

Com o passar do tempo, o grupo criou e adaptou vários formatos de roteiros para o programa. Todos eles com um ponto em comum: a ordem de fala e o que cada pessoa iria falar já ficavam pré-determinados na reunião de pautas. Havia pouco espaço para interpelações de outros participantes, uma vez que o roteiro já continha todo o conteúdo que iria ser apresentado nos programas. A partir de 2000, o conteúdo dos blocos já deixou de ser registrado no roteiro. Apenas o assunto e quem iria tratar dele, assim como as vinhetas, estavam presentes no guia.

No princípio deste ano, o roteiro propriamente dito deixou de existir. Não há mais ordem de fala. O guia que os participantes levam é a ata da reunião de pautas ou o que copiaram no caderno. Nos blocos em que é realmente necessário definir um âncora, como o “Leitura da Hora” e o “Espaço Sideral”, apenas é feita a escolha de quem vai falar. O conteúdo é apresentado na hora. Nos outros blocos, nem mesmo os nomes de quem vai falar aparece. Fala quem quer e tem alguma coisa para dizer. “Foi uma maneira que a gente encontrou de não cercear a liberdade de ninguém se expressar”, explica a coordenadora do projeto.

Para facilitar a vida de quem está operando o som, as músicas são colocadas entre um bloco e outro, que têm o tempo controlado pela coordenadora. No estúdio, sua função é a de uma diretora.

3.3.1.1 O lugar de fala do emissor

A ausência de uma ordem pré-estabelecida de fala é importante porque os adolescentes se sentem livres para falar quando querem. E o quanto querem também, porém respeitando outros colegas que também querem se expressar e o tempo do programa. Os que ainda são

tímidos demais para falar, atentamente observados pela coordenadora e pelos colegas, são estimulados a se expressar.

Trechos do programa do dia 07/07/2002, no qual efetuamos observação participante com registro, ilustram a afirmação. Durante a apresentação do bloco “Notícia quente é com a gente”, várias pessoas estavam quietas, sem falar nada. Grácia percebeu e deu um toque nos colegas que estavam com o microfone (eram três, mas um deles estava com problemas de mau contato, por isso alguns trechos da gravação do programa estão com volume muito baixo) para incentivar os mais quietos a falar.

Isis: Eu queria saber o que que vocês acham da Rio 10, da importância de estar sendo discutidos esses assuntos. Hein, Tici?

Ticiane: Ah, é muito importante, né. Porque é o nosso futuro, o futuro dos nossos filhos, é o futuro de todos, né. Então a gente tem que se informar, tem que saber o que é, tem que pesquisar para saber o que fazer, né. Ou como deve fazer. Porque já tá na hora, né. Tá mais que na hora realmente de acontecer uma reunião como essa pra arranjar soluções pros nossos problemas, né, que são muitos. E é preciso ter muita informação pra que isso aconteça de uma forma boa, né.

Mariana Caselato (da cabine de som): E por exemplo, a Gabi. Gabi, você ia gostar de ir pra Johannesburgo com a Isis?

Gabriela Caselato: Ah, ia ser legal...

Mariana Casellato (da cabine de som): E o que é que você acha que ia ser legal? O que você acha que a gente ia estar fazendo lá?

Gabi: É bom pra gente estar lá. Representando sei lá, o projeto, tal, pra tipo ver também o que eles vão fazer lá e poder passar pros outros. Dar nossa opinião e ter jovem lá.

Jefferson: Agora, o Felipe, também, que está aqui do meu lado, o que que você acha?

(Felipe faz cara de susto)

Jefferson: É, é pra te pegar de surpresa, mesmo.

Felipe: O que eu ia falar a Ticiane já falou, então eu não tenho nada pra falar.

Liz: O que que é que você ia falar?

Felipe: Ah, eu acho que é importante isso daí de ir pra... Como que é o nome?

Vários: Johannesburgo!

Felipe: África do Sul, né, porque muita imprensa vai estar lá e quem sabe assim as pessoas prestam atenção e queiram saber mais por causa da imprensa, que a imprensa também é uma arma.

O último comentário de Felipe, que, como assinalamos, não queria falar ao microfone, demonstra o conhecimento sobre o funcionamento e o poder de penetração das mídias na sociedade. Ao admitir que por causa da presença da imprensa as pessoas comecem a prestar atenção no tema demonstra a noção, possivelmente adquirida por meio de sua participação no grupo, do poder de mobilização que os meios de informação possuem.

Outro trecho do mesmo bloco demonstra que o integrante Felipe tinha mais a dizer, mas não se sentia seguro e precisou de um “empurraozinho” dos colegas. Os jovens estavam debatendo se a escola deles tratava ou não do assunto do bloco (a conferência Rio + 10), Felipe balançou a cabeça afirmativamente, como se tivesse algo a dizer, mas não pegou no microfone. Isis percebeu.

Isis: Sua escola fala sobre isso, Felipe?

Felipe: Fala

Jefferson. Sobre?

Felipe: Rio + 10.

Liz: E a professora de geografia fala?

Felipe: Ela fala direto isso daí. Porque é que eu tenho que falar?

(risos..)

Liz: Ela fala isso na sala de aula?

Felipe: Isso.

Ísis: E o pessoal da tua sala, o que que eles falam? Falam alguma coisa? Só ouvem?

Felipe: Não, eles prestam bastante atenção, só que ela não pára de falar, porque tem que explicar bem, aí começa, né...

Ísis: Começa o que?

Felipe: A bagunça, a canseira. As pessoas não tem paciência para ouvir.

Grácia explica que os mais novos no projeto, principalmente, se sentem pouco à vontade diante do microfone. Felipe tem três anos de *Cala-boca já morreu*, mas segundo a coordenadora, frequenta muito mais as reuniões do que o estúdio. “A gente respeita a vontade deles, mas sabe que às vezes eles têm o que dizer e só estão encabulados. Daí a gente dá uma forcinha”, justifica.

Essa “forcinha” definitivamente é importante para que os adolescentes apreendam o conhecimento. O teórico uruguaio Mário Kaplun respalda esse procedimento:

*“A linguagem, matéria-prima para a construção do pensamento e instrumento essencial do desenvolvimento intelectual, adquire-se nesse constante intercâmbio entre as pessoas que torna possível exercitar o pensamento e, desse modo, apropriar-se dele. Não basta receber (ler ou ouvir) uma palavra para incorporá-la ao seu repertório pessoal; para que ocorra sua efetiva apropriação, é preciso que o sujeito a use e a exercite, que a pronuncie, escreva, aplique. Esse instrumento imprescindível, que é o acervo linguístico, só se internaliza e se amplia na constante prática da interlocução”.*³³

Às vezes, o papel da coordenadora como diretora não funciona muito bem. Grácia fica de olho no tempo, preocupada com a longa extensão dos blocos. Quando, em seu entender, está na hora de finalizar o bloco, faz um sinal para os adolescentes. Mas às vezes isso foge do controle até mesmo dos apresentadores. O assunto parece tomar vida própria.

No “Notícia quente é com a gente” do dia 07/07/2002 aconteceu isso. Liz já ia finalizar o bloco quando o seguinte fato ocorre:

Liz: E você, ouvinte da 91,5 aqui está o convite. Peça sua música pra gente. 3695-3003.

³³ KAPLUN, Mário. *Processos Educativos e Canais de Comunicação*. In. Comunicação & Educação, nº 14, p. 68-75. São Paulo. Editora Moderna, 1999

Isis: E eu volto a repetir, só pra finalizar o bloco. A nossa grande arma, hoje, pra essas discussões em relação a MA é o voto. Então é muito importante a gente estar entendendo e vendo quem são as pessoas envolvidas com a questão do MA, quem são as pessoas que se preocupam com isso. Porque hoje não tem mais como você pensar em administração de uma cidade, de um estado, de um país, de uma região sem pensar no meio ambiente que essas pessoas vivem.

Ticiane: E é um assunto que tem que ser tratado mais na escola, né. Porque é um grande meio que a gente tem de informação e de saber. Esse negócio de Rio 10, por exemplo, na escola, isso teria que ser mais discutido.

O assunto se alongou e apenas quatro minutos depois o bloco foi finalizado. Essa é uma das conseqüências da falta de um roteiro propriamente dito, mas que não compromete a proposta original do projeto. Pelo contrário, se encaixa nela.

3.3.2 O papel da pesquisa na apresentação dos programas

Kaplún também afirma que o “sujeito educando consegue expressar uma idéia de modo que os outros possam compreendê-la somente quando ele mesmo a compreende e apreende verdadeiramente”. Portanto, segundo o especialista, só se consegue chegar a um pleno conhecimento de um conceito quando surge a oportunidade e, por sua vez, o compromisso de comunicá-los aos outros. (op. cit, 73)

A utilização do rádio como meio de expressão dos integrantes do *Cala-boca já morreu* engloba essa idéia. A partir do momento em que as crianças buscam informações com a pesquisa, só se apropriam realmente delas quando transmitem as informações para os ouvintes. Trechos do programa do dia 07/07 demonstram a assertiva.

Os integrantes estavam, no bloco “Criança e Ecologia”, discutindo assuntos que seriam debatidos na Rio + 10. Alimentos transgênicos e a camada de ozônio estavam na pauta da discussão. Ninguém estava conseguindo explicar o que eram os alimentos transgênicos, até que Mariana Casellato socorreu a turma.

Trecho 1

Liz: São alimentos modificados, né?

Isis: Alimentos transgênicos é, sei lá, pegando algum exemplos de grãos que já são, sei lá, soja, milho, algodão, canola, são exemplos de alguns grãos que já são manipulados geneticamente. Têm a sua estrutura modificada. Esses alimentos foram produzidos para serem resistentes a agrotóxicos. Só que que impacto isso tem na nossa saúde? Não se sabe.

Mariana Casellato: (Com papéis da pesquisa em mãos) Exatamente, esse é o problema. O alimento transgênico, o que acontece? Eles pegam um DNA de uma bactéria, ou de um animal e misturam com o DNA da planta original. E daí isso vai deixar a planta mais forte, sim. Só que meu, a gente vai comer isso. E que esse DNA modificado vai estar fazendo na gente? A gente agora não vai sentir, porque DNA vai trabalhar na genética. Então na hora de formar nossos filhos, esse DNA vai estar lá no meio, entendeu? Pode não dar problemas nos nossos filhos, entendeu, mas assim, quando tiver chegando nossos tataranetos, nossos tatatatataranetos, entendeu? Esse DNA pode trazer alguma modificação.

Isis: Nada como ter a professora Mariana para nos resgatar na questão de alimentos transgênicos. Ela fica sem graça, mas é porque ela explica as coisas de um jeito que todo mundo entende.

Os integrantes tinham pesquisado sobre alimentos transgênicos, mas ainda não haviam se apropriado dele. Com a leitura das informações obtidas com a pesquisa pela integrante Mariana Casellato e a “tradução” do que havia sido lido para uma linguagem facilitada para o ouvinte, o conhecimento se tornou acessível não apenas para ela, mas também para os outros integrantes. Note-se que Isis agradece o esclarecimento dado por Mariana.

Trecho 2

Isis: Então a gente sabe que a questão da Agenda 21 e a questão dos alimentos transgênicos são grandes assuntos que vão estar sendo discutidos na Rio + 10. Outro tema que também vai ser muito falado é a questão da mudança climática. Sim, a mudança climática.

Isis: (Lendo) A mudança climática do planeta, ela é resultado do aumento de uma concentração de gases de efeito estufa na atmosfera, causada por atividades humanas (deixa de ler) . Então, muitos gases que a gente acaba emitindo aí quando usa aquele desodorante aerosol, quando usa mata-barata, quando usa spray, essas coisas... Esse produtos têm um gás chamado CFC (cloro-fluor-carbono). Esse gás acaba contaminando a camada de ozônio, abrindo um buraco nela.

Aqui, Isis recorre ao que havia pesquisado previamente para poder explicar ao ouvinte o que era a mudança climática do planeta. Após ter lido a explicação, utiliza suas próprias palavras para continuar a explicação. Conseguiu chegar a um pleno conhecimento do conceito por meio da transmissão dele para outras pessoas.

A força da responsabilidade de (re) produzir informações para outras pessoas faz os integrantes do grupo se dedicarem à busca de informações durante a semana para que haja conteúdo nos blocos pré-definidos na reunião de pautas e para que não sejam ditas incorreções.

“Você começa a falar: Pô, tô atingindo essa galera, então você tem que tomar consciência do que você está fazendo e do que você vai falar para essa pessoa. Tô atingindo gente da minha idade ou mais velha, então eu tenho que pensar, pesquisar e começar a ir atrás. Aí que veio a idéia da responsabilidade dentro do programa”. (Thiago Lolo, 17 anos),

“No caso da rádio, por exemplo, a gente precisa saber antes de falar. Isso é pensar. Saber a informação. Então, por exemplo, no caso de uma rádio, a gente tem vários temas. Definido o tema, a gente tem que estar disposto a pesquisar, porque se o grupo chegou ao consenso de que o tema é importante, todo mundo vai pesquisar. Isso sem obrigação nenhuma. Mas é para saber o que falar. Se você não pesquisou, não tem informação nenhuma sobre isso, então vai chegar lá e vai ficar calado. Então se você quer se expressar, é importante ter essa parte de pesquisa”. (Liz Nátalie Sória, 15)

Mas a parte de pesquisas apresenta algumas falhas. No dia 07/07, foi possível observar que apenas o mesmo grupo falava mais – justamente os que buscaram informações prévias. Os outros participaram ou por insistência dos colegas ou com alguns rápidos comentários. Gabriela Casellato, por exemplo, só se manifestou quando foi obrigada (como visto no item 3.3.1.1) ou no momento em que ficou pré-determinada a sua participação, no bloco “Leitura da Hora”.

Mariana Casellato, irmã de Gabriela, faz uma crítica ao grupo e a si mesma (apesar de ter pesquisado) e acha que tem uma justificativa para o que Jefferson, em auto-crítica, chamou de desânimo (“não vou falar que sou só eu, todos têm um pouquinho”):

“A gente faz o roteiro na terça-feira e quase ninguém está pesquisando. Quando éramos menores, a gente pesquisava tudo. Ah, eu sei que a gente tinha mais informações, ficava mais gostoso. Isso é uma coisa que a gente precisa aprender a trabalhar. A gente se torna mais sério, começa a pensar demais, a se preocupar demais com algumas coisas. Às vezes a gente tem muita coisa na escola... A gente faz o que pode”.

O coordenador Donizete Soares, em entrevista, afirma que a parte de pesquisas deveria ser fortificada. Nem ele nem a coordenadora Grácia Lopes podem obrigar os integrantes a pesquisarem ou a falarem no rádio. Isso depende da vontade de cada um. Porém ele espera que, com o aumento da idade dos participantes, esse ponto venha a se fortificar (o oposto do que a integrante Mariana Casellato pensa, exposto no depoimento acima).

“Eu acho que eles ainda pesquisam pouco, muito pouco. Tem muita coisa que ainda é no ‘acho, tipo, acho, tipo’. Não é por aí. Pode até evidentemente que o que encontrarem venha a mudar depois, não tem importância que mude. ‘Olha, encontrei outra coisa que altera o que eu falei antes’. Mas essa mudança é fundamental. Para que isso aconteça, eles precisam pesquisar mais. Na idade que eles estão, de formação, de processar rapidamente, eles tinham que estudar muito. Isso é uma coisa que ainda é falha no *Cala-boca* e acho que é o momento de fortalecer, desse processo afunilar. Eles ainda não entenderam que isto é estudar, também”.

3.3.3 O exercício da visão crítica na apresentação dos programas

Retomemos Kaplún. O autor afirma que, para cumprir seus objetivos, “todo o processo de ensino/aprendizagem deve dar lugar à manifestação pessoal dos sujeitos educandos, propiciar o exercício social através do qual se apropriarão dessa ferramenta indispensável para sua elaboração conceitual. Em lugar de confiná-los a um mero papel de receptores, é preciso criar as condições para que eles mesmos gerem mensagens próprias, pertinentes ao tema que estão aprendendo” (op. cit, 73).

Da mesma forma, a teoria que embasa as ações educacionais pregam não a reprodução de conteúdos, mas a ressignificação e reorganização deles sobre opiniões e vivências individuais³⁴.

³⁴ Assunto abordado no capítulo 1.

Em diversos trechos do programa do dia 07/07, as informações obtidas com a pesquisa se misturam a críticas formuladas pelos integrantes. Seleccionamos um trecho em que essa mistura aparece de forma acentuada: o diálogo entre os participantes sobre a Camada de Ozônio que descamba em uma crítica ao capitalismo e aos Estados Unidos.

Isis: Essa questão da camada de ozônio vem sendo muito discutida porque existe um rombo enorme, vamos ser bem claros, provocado pelos Estados Unidos, por um excesso de emissão desses gases prejudiciais à camada de ozônio. Então, com esse buraco enorme, que está ali na área do México, dos EUA mesmo, o sol tá agindo mais diretamente na Terra. Ou seja, quando a nossa pele tem contato com esse sol, esse sol prejudica, causa câncer, causa diversas doenças que podem até ser fatais.

Mariana Casellato: Que não seriam causadas se a camada de ozônio estivesse inteira.

Isis: Então, essa questão que acaba sendo muito forte, porque existe esse rombo e esse rombo tá aumentando cada vez mais.

Jefferson: Só pra lembrar, esse mesmo Estados Unidos não quer assinar o Tratado de Kyoto...

Isis: Justamente por isso, por ter esse bando de gases emitidos, e por ter esse grande buraco na camada de ozônio, as pessoas tão discutindo muito o que fazer. Os países chegaram a um acordo e firmaram um protocolo chamado Protocolo de Kyoto. O protocolo de Kyoto, foi firmado em Kyoto, no Japão, não é isso?

Vários: É

Isis: Aqui (começa a ler) ... O protocolo de Kyoto é um tratado com compromissos mais rígidos para a redução da emissão dos gases que provocam esse efeito estufa.

Liz: Ou seja, a poluição. O tratado propõe que isso seja diminuído.

Mariana Casellato: Não só a emissão de CFC mas também a emissão de outros gases que provocam o efeito estufa

Jefferson: Agora, me fala isso. Quem é o único país que não quer assinar isso?

Liz: É o único, né.

Isis (lendo): Daí o protocolo de Kyoto, ele propõe o seguinte, que todos os países reduzam cerca de 15% , 30% a quantidade de gases emitidos na atmosfera. (Para de ler) Daí, praticamente todos os países, grandes responsáveis por essa questão assinaram, menos um.

Mariana Casellato (em tom irônico): Quem será?

Isis: Nem pra fazer tanto mistério, são os Estados Unidos. Os EUA não assinaram o protocolo de Kyoto, eles continuam emitindo a mesma quantidade, senão mais, de gases que provocam o efeito estufa. Eles realmente não estão preocupados nem um pouco com o meio ambiente de hoje, de amanhã, de daqui cinco , dez anos.

Jefferson: Eles estão preocupados muito com a nossa terra, hein?

Liz: E olha só, eu entrei no site do Rio + 10, e lá ele explica o que é o protocolo de Kyoto e tem uns links pra outros sites. E tinha um site lá que eu achei sobre o pronunciamento do presidente Bush a respeito de não assinar o tratado. Ele diz que o tratado é falho em muitos pontos. Por exemplo, ele se referiu a um gás que também era mau para a atmosfera que não era falado no protocolo. Então é assim, coisas que tipo, meu... Ele achava que os cientistas do país deles estavam trabalhando para criar um outro tratado que condizesse com o que o planeta realmente precisa, entendeu?

Mariana Casellato: Sabe, assim, dando uma explicação meio fugindo, mas só pra falar, mas na verdade, o que todo mundo sabe é que ele está prejudicando muito

Liz: É, e ele também apontou que tem muitos países em desenvolvimento que não assinaram o tratado e não estão sendo tão metralhados a esse respeito. Por exemplo, a Índia e a China, que são produtores de gases que acabam gerando o efeito estufa, mas eles não assinaram e não está se falando tanto a esse respeito. Mas acho que é uma questão,

assim, por exemplo. Os EUA é um país muito rico, eles produzem muito. Eles estão em primeiro lugar na produção de gases que resultam no efeito estufa. E a China e a Índia não está assim tão alto o índice de produção desses gases. Então, tem mesmo é que estar falando dos Estados Unidos.

Em azul, as informações adquiridas por meio de pesquisas. Em vermelho, as opiniões geradas por questionamentos e conclusões individuais, mas que são compartilhadas pelo grupo. Note-se que Isis é quem deu a deixa para os comentários sobre a participação dos Estados Unidos na emissão de gases poluentes, mas é Jefferson quem insistentemente direciona o assunto para a questão, atropelando outras coisas que Isis gostaria de dizer.

Coincidentemente, em entrevista concedida à esta formanda no dia 04/07 (antes, portanto, da apresentação do programa), Donizete Soares destaca a dimensão crítica da educomunicação.

“A crítica nasce da pergunta, do encanto, do espanto. Você inicia aí uma dimensão que é muito importante e vem sendo desenvolvida pelo Cala-boca já morreu!. Por exemplo, todo mundo fala em camada de ozônio, você vai entrar nessa grita-geral aí inconscientemente? Vai fazer um papel de repetidor que todo mundo fala? Pensa um pouquinho quem originou esse problema? Se não tiver esse questionamento constante, você acaba fazendo esse papel que muita gente faz, de inocente puro e bobo, que é repetir o que todo mundo fala sem entender e ficar carregando bandeira que os outros levantam”.

3.4 A dinâmica do processo de Educação/Comunicação

O papel da coordenadora Grácia Lopes na definição e desenvolvimento dos temas a serem apresentados no programa e no estúdio, no dia da apresentação, é um papel de observação e apoio. Na reunião de pautas do dia 02/07/2002, sua voz pôde ser ouvida para a sugestão de um tema, com o qual os participantes do grupo concordaram, para explicar um pouco o processo de realização da conferência Rio + 10 e para pedir que os adolescentes, que desviaram um pouco do assunto, voltassem à pauta da reunião. “Às vezes, nem o próprio coordenador da reunião percebe a fuga do assunto. Nesses momentos, a coordenadora do projeto é quem dá o alerta”, conta (op. cit, 87).

Em sua dissertação de mestrado, Lopes dedica um subcapítulo para a compreensão de seu papel dentro de um grupo que tem liberdade para decidir, sozinho, o que e como fazer. Ela conta que o embasamento inicial teórico que a motivou a achar caminhos facilitadores para o

desenvolvimento da expressão e o desenvolvimento do grupo e, então, delegar um papel para si mesma dentro da proposta foi a psicopedagogia.

Porém, ao utilizar o rádio como expressão, percebeu que os processos de construção da aprendizagem não eram suficientes nem para explicar a prática do projeto nem a função que ela desempenha nele. “Comunicação radiofônica é uma das formas de comunicação midiática: esse fator nos impediria de definir nosso trabalho, naquele momento, como próprio da psicopedagogia (os psicopedagogos costumam ocupar o espaço das clínicas, das escolas, dos hospitais, não do rádio!). Tampouco, o fato de estar no rádio nos autorizaria a dizer que eu passara a ser radialista (a intencionalidade de investigar processo de aprendizagem não é comum a esse tipo de profissional)” (op. cit. 84).

O que ela estava fazendo era Educomunicação, no papel de educadora. Como a pesquisadora chegou a essa conclusão? Pesquisa realizada pelo Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP revelou resultados que davam visibilidade ao surgimento de uma nova área de intervenção social – a Educomunicação – e de um novo profissional – o educador.³⁵

Ao ser uma das 178 pessoas da América Latina que responderam aos questionário e que buscavam relacionar a comunicação com a educação em suas ações sociais, prontamente, a coordenadora se identificou com o perfil desse agente social e nomeou, a partir dali, seu trabalho como o de uma educadora e o programa de rádio *Cala-boca já morreu* como uma prática educadora.

“No caso específico do programa de rádio, a medida em que as crianças e os adolescentes processam informações, assimilam novos procedimentos de convivência inter-grupal e dominam novas tecnologias de comunicação, também o mesmo acontece com o profissional. Juntos, todos aprendem que o percurso a seguir depende sempre do objetivo a ser alcançado e isso, no caso do *Cala-boca já morreu*, vai-nos ficando cada vez mais evidente: as tecnologias da informação são recursos que valem para facilitar a ação junto as crianças e os adolescentes, com as quais podem produzir seus materiais, segundo suas

³⁵ Assunto tratado no capítulo 1

necessidades e interesses, para que se tornem, eles próprios, produtores do seu conhecimento”(op. cit., p.86). Esse é justamente um dos princípios da Educomunicação.

3.5 Os desdobramentos do projeto

A metodologia utilizada para a produção e apresentação do programa *Cala-boca já morreu!* – *porque nós também temos o que dizer* foi ampliada para espaços maiores. É para dentro da escola que o GENS – Serviços Educacionais leva o conceito de Educomunicação utilizado no programa. Eles criaram o projeto Rádio-Escola, que visa:

- Fazer do rádio um instrumento para a consolidação de escolas cidadãs;
- Contribuir para a compreensão de que o rádio é um veículo de comunicação eficiente para tornar público o trabalho educacional efetivamente realizado em cada unidade escolar;
- Investir na formação de repórteres mirins (alunos do 1º ciclo do Ensino Fundamental) para que consigam comunicar em linguagem mais acessível assuntos ligados a cultura, saúde, educação e política.
- Evidenciar, através dos programas produzidos e apresentados por alunos e professores, a interdisciplinaridade inerente ao Projeto;
- Desenvolver habilidades e tendências comunicacionais dos participantes;
- Assessorar os profissionais envolvidos no projeto para que se utilizem do rádio como um instrumento eficaz de ensino;
- Reconhecer crianças e adolescentes como produtores de cultura, integrando-os aos meios de comunicação, em geral ocupados por adultos;
- Exercitar a comunicação oral, aperfeiçoando a objetividade e clareza de exposição do pensamento;

- Favorecer a convivência e trabalho em grupo, respeitando diferenças, níveis de conhecimento e ritmos de aprendizagem de cada integrante da equipe.³⁶

Como se vê, todas as propostas acima são advindas da Educomunicação.

Em 2000, a empresa foi contratada pela Secretaria de Educação do Município de Vargem Grande Paulista, estado de São Paulo, para implantar o Rádio-Escola, com estúdios radiofônicos nas escolas e investir na formação de educadores. A partir de 2001, diversas escolas passaram a contar com a participação efetiva da comunidade. O estúdio de rádio serve também para que profissionais dos postos de saúde gravem aí suas mensagens. Entidades como Sociedades Amigos de Bairro foram convidadas e têm, dentro da escola, a oportunidade de tornar mais próximos os cidadãos que moram no seu entorno.

Em Sorocaba, outra cidade do estado de São Paulo, a Secretaria Municipal de Educação implantou, desde maio de 2001, o rádio nas escolas de ensino fundamental. Atualmente, todas as 32 escolas municipais têm equipamento de rádio. O equipamento já existia antes da implantação do projeto Rádio-Escola. Entretanto, segundo a coordenadora Grácia Lopes, até então era utilizado apenas para música.

Ainda em 2001, começou a ser implantado o trabalho com vídeo. “A idéia é que todas as escolas de ensino público, infantil e fundamental, tenham vários projetos de comunicação. Começou com rádio, já estamos com vídeo, e a secretaria quer um trabalho de internet, tirando os alunos da recepção para a produção”, explica a coordenadora.

Nas duas cidades, “o curso de formação de educadores culminaram com a inclusão da comunicação no Plano Político Pedagógico das escolas, garantindo assim a continuidade das práticas educacionais em rádio”. (LOPES, op. cit. , p.108).

Além do projeto Rádio-Escola em dois municípios paulistas, a metodologia do *Cala-boca já morreu* também é utilizada nas 455 escolas de ensino fundamental da cidade de São Paulo. Grácia Lopes foi convidada a integrar a equipe do projeto *Educom.rádio – Educomunicação pelas Ondas do Rádio*, iniciativa da Secretaria de Educação do Município e do Núcleo de

³⁶ Fonte: GENS – Serviços Educacionais

Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

O programa *Educom.radio* destina-se a facilitar aos professores e estudantes do ensino fundamental da rede pública do município os conhecimentos e as habilidades necessárias para que introduzam e promovam os diferentes modos de comunicação na sala de aula e no conjunto das atividades educativas. Neste contexto, utiliza o emprego da linguagem radiofônica (através da rádio-escola). A intenção é que, em 2004, 9.100 professores estejam capacitados a lidar , a partir da perspectiva da Educomunicação, com a presença do rádio como instrumento auxiliar de ensino.

A função de Grácia Lopes dentro do *Educom.rádio* é formar a equipe de profissionais que dissemina o conceito e os métodos da educomunicação via rádio para os professores. “Tudo que a gente leva pra fora é construído aqui no *Cala-boca*”, explica em entrevista a coordenadora, ressaltando a característica de projeto piloto do *Cala-boca já morreu!*.

Os desdobramentos baseados na experiência de um projeto social sem fins lucrativos renderam dividendos ao GENS – Serviços Educacionais e aos coordenadores. Eles se inseriram dentro do novo espaço de trabalho para atores sociais que relacionam a comunicação com a educação³⁷ .

Porém, Lopes ressalta:

“O Cala-boca e as propostas que a gente vem desenvolvendo são frutíferos porque não são trabalhos meramente profissionais. São opções de vida que nós dois fazemos como uma maneira de, através do trabalho que fazemos, estarmos sempre pensando a nossa existência no mundo, o nosso compromisso com as pessoas e com a realidade. Ao contrário das meninas que querem mudar o mundo, nós queremos apenas fazer com que as pessoas saiam um pouquinho do lugar. Nosso compromisso é com o início do processo. Queremos que elas tenham início de conhecimento para que elas definam o que elas querem para a vida delas e que isso não compete a nós”.

³⁷ Assunto abordado no capítulo 1.

4. CONSIDERAÇÕES SOBRE A DIMENSÃO MOBILIZADORA DO *CALA-BOCA JÁ MORREU*.

Além da formação de adolescentes críticos e capazes expressar sua opinião em um espaço público, o projeto *Cala-boca já morreu!* apresenta claramente uma dimensão mobilizadora. Escolhemos nos aprofundar nesta questão pelo fato de ela explicitar a mudança de *status quo* dos integrantes do grupo perante a sociedade e a contribuição da Educomunicação - cuja grande proposição é buscar formas de intervir nas matrizes de elaboração de programas e de produtos, por meio de produções geradas no espaço educativo³⁸ - para a transformação social.

4.1 O incentivo ao protagonismo juvenil

Em sua dissertação de mestrado, Lopes (2002:108) conta que a medida em que as crianças e adolescentes do projeto fortaleceram a auto-estima e aprenderam a dominar a linguagem radiofônica, começaram a perceber a necessidade do engajamento “em questões ligadas à compreensão mais acurada da realidade socio-econômica brasileira”.

Este engajamento pode ser definido como protagonismo juvenil. Para o educador Antônio Carlos Gomes da Costa, uma ação pode ser considerada protagônica quando, na sua execução, “o educando é o ator principal no processo de seu desenvolvimento. Por meio desse tipo de ação, o adolescente adquire e amplia seu repertório interativo, aumentando sua capacidade de interferir de forma ativa e construtiva em seu contexto escolar ou sócio econômico.”³⁹

Nas entrevistas com os participantes, podemos confirmar o subsídio que o projeto fornece a este tipo de ação. Observamos, no discurso dos adolescentes, a existência desta ampliação de repertório a partir da participação no grupo e sua conseqüência: uma forma mais ativa de intervenção na sociedade. Abaixo, selecionamos trechos dos discursos sobre esses dois pontos e tecemos breves comentários a respeito.

³⁸ Assunto abordado no capítulo 1.

³⁹ COSTA, Antonio Carlos Gomes da. *Protagonismo Juvenil – Adolescência, Educação e Participação Demográfica*. Fundação Odebrecht. Salvador, 1998

- **Ampliação de repertório**

“Antes, eu aprendia um negócio em geografia sobre federação, por exemplo, isso trazendo pro projeto, não se torna apenas uma coisa teórica, mas aí você traz pra prática, você consegue debater, você consegue ver vários pontos de vista, então a sua visão sobre os assuntos aumenta muito. Antes do projeto eu tinha uma visão um pouco menor sobre os assuntos, porque você consegue, através do projeto, ter vários pontos de vista”. (Mariana Manfredi, 14 anos)

“Antigamente, tudo o que eu fazia era casa, escola e casa de novo. E aí era só isso. E quando eu cheguei no Cala-boca eu passei a sair mais, passei a encontrar o mundo. Eu não tinha um mundo aberto. Era um mundo muito miudo. Aí eu fui conhecendo várias coisas. O principal que eu ganhei foi isso: o encontro de vários mundos”. (Tiago Luna, 15 anos)

“O Cala-boca foi uma experiência que eu nunca vou esquecer na vida. Eu extrapolei meus conhecimentos. Conheci coisas que eu achava que nunca ia conhecer. Conheci pessoas muito legais e aí eu tive uma outra visão do mundo. A visão que as coisas podem ser diferentes.” (Maíra Moraes, 13)

“Tem muitas coisas que eu não gostava e agora comecei a gostar. Política, por exemplo. Eu via política assim, via aqueles caras falando e pensava: ‘que negócio chato do caramba’. Aí, com o projeto, eu aprendi a me interessar para saber o que é, que não é só aquilo que o cara chato fala. A gente foi para a Assembléia Legislativa fazer uma entrevista um dia e eu comecei a gostar”. (Felipe Ferreira, 14)

Nos discursos, os integrantes demonstram a ampliação de seus horizontes, a aquisição de uma visão mais abrangente da realidade obtida por meio da participação no projeto. Essa ampliação acontece principalmente por causa das atividades do programa de rádio. Desde a busca de conhecimento nas pesquisas semanais ou o debate deles no estúdio (Mariana Manfredi), passando pela realização de entrevistas (Felipe Ferreira) até a evolução pessoal

de descobrir o mundo fisicamente a partir de ações realizadas pelos integrantes nas ruas de São Paulo⁴⁰

Segundo a coordenadora do projeto, o Cala-boca já morreu! se apresenta metaforicamente como um corredor com várias portas que se abrem para os mais diversos assuntos e possibilidades. “Quando vamos fazer uma matéria, está em algum lugar diferente, a gente observa muito isso, o olho deles circula por todo o lado, tentando apreender o mundo”.

- **Intervenção ativa e construtiva**

“Com certeza temos que passar o que aprendemos para a comunidade, que muitas vezes está desinteressada de assuntos tipo política, meio ambiente, saúde, esses negócios. E eu passando pra você, você vai ter a oportunidade de passar para outra pessoa (...). Além de você vivenciar isso, depois vai poder passar isso, você conseguir dar voz para jovem em uma estrutura social que poucos têm palavra”. (Mariana Manfredi, 14)

“No futuro eu posso estar sem água, posso estar sem usar os recursos que a gente pode agora, não vai poder mais. Eu acho que a gente tem que discutir, tem que mostrar isso para todo mundo e eu gosto de mostrar o que eu tô sentindo e o que eu acho e gosto muito de passar isso para as pessoas. Eu acho que a gente tem que ensinar, que passar isso para as pessoas, para elas ficarem mais conscientes”. (Livia Souza, 15)

“Quando eu chego no colégio eu tenho bastante coisa para informar para os meus colegas, tô sempre encaminhando os meus colegas também. Acho que eu me tornei um produto de informação. Eu tô passando a informação pras pessoas também. O que eu aprendo eu aqui eu passo pros meus colegas que não estão no projeto”. (Thiago Luna, 15)

“O meio ambiente é uma das coisas que mais pegou pra gente. Depois que a gente começou a olhar para a questão. Agora, até com os meus amigos eu encho o saco para não jogar lixo no chão. Começa assim. Você acha que não é nada e depois você vai ver os seus colegas estão te chamando de careta porque você tá dando bronca em quem vai jogar o copo no chão. Eu chego em casa cheio de papel para jogar no lixo”. (Thiago Lolo, 17)

“Se eu tô pensando em jogar um, papel na rua, eu já não jogo. Eu aprendi isso no Cala-boca e não vou fazer isso. É uma coisa que vai ficar marcada para sempre. Pôxa, o quanto eu

⁴⁰ Os integrantes, por exemplo, foram às ruas da cidade para ver a poluição do Rio Tietê, visitaram a Assembléia Legislativa do Estado, conheceram o Instituto Butantã, entre outros. Essas atividades foram realizadas para preparar matérias para o programa de rádio.

lutei para que uma pessoa fizesse isso e agora eu tô fazendo. A gente acaba se vendo na responsabilidade, cometendo alguns erros mas ao mesmo tempo corrigindo. E assim acho que qualquer passo que eu for dar na minha vida eu vou lembrar do que eu aprendi aqui. E eu vou tentar mudar os meus atos falhos e progredir com os bons. (Maíra Moraes, 13)

Por meio dos discursos, constatamos que as ações de interferência atingem diferentes níveis. Um deles é a consciência da importância do repasse amplo do conhecimento adquirido por meio das atividades do projeto e de que este é um processo contínuo. Os integrantes acreditam em um processo de multiplicação das informações, afirmando que o que transmitirem será repassado por outras pessoas. (Mariana Manfredi, Livia Souza)

Outro nível de interferência observado é uma ação corpo-a-corpo no cotidiano, envolvendo as questões discutidas no projeto. (Thiago Luna, Thiago Lolo, Maíra Moraes). As informações apreendidas pelos integrantes do projeto não são repassadas só no programa de rádio, mas também no contato social do grupo.

Por fim, o terceiro nível observado foi o de uma introjeção da informação adquirida ao longo do projeto (Thiago Luna, Thiago Lolo). Eles modificaram seu próprio comportamento em função da visão que adquiriam com a ampliação do repertório.

Retomando Costa, o educador afirma que o adolescente pode ser considerado protagonista juvenil quando individualmente ou em grupo se envolve na solução de problemas reais; atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso no contexto escolar ou sociocomunitário.

Exatamente o que acontece quando os adolescentes se apropriam de temas da realidade social brasileira e os transportam para o programa de rádio ou os transmitem pessoalmente no cotidiano. A declaração de Thiago Luna no trecho exposto acima define bem a transformação pela qual os integrantes do grupo passaram: “Acho que me tornei um produto de informação”.

Com a dinâmica proposta pelo projeto, os adolescentes percebem que devem agir baseados no conhecimento que adquiriram. Eles se tornam multiplicadores de informações, às quais tiveram acesso por participarem de um projeto de Educomunicação.

4.1.1 Um exemplo da formação de multiplicadores

A coordenadora Grácia Lopes explica que o engajamento em questões sociais levou os integrantes do grupo a participarem de cursos, seminários e congressos nas áreas de saúde, comunicação, meio ambiente. “Eles sempre marcam presença por se mostrarem como pessoas que entendem a necessidade de se valerem da comunicação para a construção de uma sociedade mais esclarecida e responsável”, afirma.

Um dos cursos dos quais integrantes do projeto participaram foi o Curso de Informação em Saúde Pública para Radiocomunicadores. Ele foi realizado pela Oboré Projetos Especias em parceria com o Centro de Educação Permanente da Faculdade de Saúde Pública da USP e com o apoio do Ministério da Saúde em 1999, 2000 e 2001.

O objetivo do curso foi discutir e apresentar questões de saúde pública no Brasil. Participaram representantes de boletins de bairro, de paróquias, rádios comunitárias, estudantes de jornalismo e assessores de imprensa. Seis integrantes do *Cala-boca já morreu!* participaram dos três módulos do curso, como radiocomunicadores.

A jornalista Ana Luiza Gomes, diretora da Oboré Projetos Especias e coordenadora da parte de rádio e do núcleo de cursos para estudantes de jornalismo e para comunicadores populares da entidade, conta, em entrevista a esta pesquisadora, o que pôde observar na participação dos adolescentes do projeto no curso. Para ela, um dos pontos mais marcantes foi a interação com os comunicadores mais antigos.

“ O entrosamento entre eles e as pessoas mais maduras foi uma experiência preciosa para os trabalhos do grupo como um todo. Os comunicadores populares são um pouco mais maduros e sem muita experiência com o trato de reportagens, de entrevistas. E a gente percebia que os jovens do Cala-boca já morreu vinham sedentos de informação, com muita garra, e acabavam dando uma certa luz dentro do projeto. Eles sempre questionavam a realidade de uma forma simples, de um jeito direto, e isso acabou incentivando muito o trabalho desses outros comunicadores. A ponto de serem chamados até de mascotes da turma. Essa integração foi um ponto muito importante desse processo “.

Outro ponto da participação dos adolescentes destacados pela jornalista foi o aproveitamento do conteúdo do curso no programa de rádio. “Eles procuravam sempre levar questões pontuais para o programa na rádio comunitária. Aconteceu de certa forma um eixo paralelo de aproveitamento maior do que a gente imaginava”.

Na época da realização do curso, os integrantes do projeto criaram um quadro chamado **Saúde no Ar**, que retransmitia as informações a partir das atividades realizadas no curso. Não era um quadro fixo; com o fim dos trabalhos, foi rareando. Isis Lima, 15 anos, participou dos três módulos do curso e dá a sua opinião sobre os resultados do processo. “Com certeza, a nossa visão de saúde cresceu muito nesse sentido e fez com que a gente entendesse mais da questão e percebesse que *o Cala-boca já morreu!* é também um projeto de promoção de saúde”.

“Estou muito feliz com o curso, porque é muito importante a gente aprender a trabalhar o conceito de saúde e poder transmitir para os ouvintes informações importantes sobre Saúde Pública. Se todos tivessem informações, tudo seria melhor na questão de saúde” (Liz Natalie)

“ Acho que o curso é importante pela oportunidade que a gente tem de passar essas informações para outras pessoas, e também passar para meus familiares, meus amigos que falam: “Nossa, eu também queria participar”. Mas acho que quando um pode participar e partilhar com os outros, é melhor ainda.” (Maira Moraes)⁴¹

Ao transpor os temas discutidos e apresentados no curso para o programa, os jovens atuam como multiplicadores e atores de um processo de mobilização social, levando a mensagem de modo adequado à comunidade.

4.2 O programa *Cala-Boca já morreu* como estratégia de mobilização social

“Queremos, antes de atingir os ouvintes, desenvolver programas de rádios que possibilitem primeiramente àqueles que os realizam, a escuta de si mesmos. Queremos que se percebam nas palavras que emitem; que aos poucos enxerguem o discurso que também estão construindo através dos diálogos com os colegas” (LOPES, op. cit., 91)

Apesar da intenção primordial do programa de rádio *Cala-boca já morreu* - porque nós também temos o que dizer, ser propiciar a adolescentes a oportunidade de desenvolver a auto-expressão e a produção de conhecimento por meio da apropriação de um veículo de comunicação, como demonstrado no capítulo 2, apresentamos acima características do projeto de formação de lideranças e da busca por temas de mobilização social. Isso reflete no programa apresentado por eles.

⁴¹ Depoimentos extraídos do site www.obore.com.br, fornecidos enquanto o curso ainda estava em andamento.

De acordo com a especialista em Comunicação e Mobilização Social Tânia Montoro,

“A comunicação para mobilização social tem como desafio colocar em pauta e agendar, nesses tempos de pós-tudo, a necessidade de se fundar um imaginário que contemple um projeto de nação capaz de inscrever, nos discursos circulantes, as grandes questões que se apresentam como desafios globais nesse final de século: a ascendente desigualdade entre ricos e pobres; o aprofundamento dos conflitos raciais, étnicos e religiosos; e a acelerada degradação do meio ambiente e, conseqüentemente, da qualidade de vida, especialmente em países em desenvolvimento.”⁴²

Para Vera Lúcia Silva, arquiteta especialista em Comunicação Social, “o conceito de mobilização nos centros urbanos implica, sobretudo, o fortalecimento da cidadania e da cultura local, independentemente do porte da cidade, uma vez que a mobilização não requer que as pessoas estejam reunidas em um mesmo espaço físico ou se reconheçam. O que se requer é conhecer e compartilhar o significado e a interpretação, ter a certeza coletiva de que o que eu faço também é entendido da mesma maneira por outros de minha categoria ou trabalho”⁴³

Observemos de perto alguns aspectos específicos do programa *Cala-Boca já morreu*, inserido na maior cidade da América Latina, que demonstram características de mobilização social.

4.2.1 A rádio comunitária

“Trabalhar em rádio comunitária é algo muito legal. A gente entra em um outro tipo de mídia, uma mídia que é muito mais abrangente para todos os tipos de pessoas. Atinge toda a população”. (Mariana Manfredi, 14)

O primeiro aspecto é o local aonde o programa é veiculado. Desde seu início, o espaço de abrangência da produção dos integrantes do projeto são comunidades locais. Primeiro na Rádio Cidadã, emissora comunitária do Butantã fechada pela polícia federal em julho de 1997, depois na Rádio Charme FM, também emissora comunitária do Butantã e, atualmente, na Rádio Guadalupe FM.

⁴² MONTORO, Tânia. “Da Comunicação Mobilizadora”. In MONTORO, Tânia (org). *Comunicação, Cultura, Cidadania e Mobilização Social*. Série Mobilização Social, vol.2. Brasília/Salvador, UnB, 1997.

⁴³ SILVA, Vera Lúcia. “Da globalização à mobilização social: novos desafios para pensar e agir na cidade”. In MONTORO, Tânia (org). *Comunicação, Cultura, Cidadania e Mobilização Social*. Série Mobilização Social, vol.2. Brasília/Salvador, UnB, 1997.

Segundo Sousa (1997: 67), a importância das rádios comunitárias “é o seu papel social, enquanto porta-vozes de uma (grande) parcela da população, que não têm um canal de comunicação próprio”.

A lei federal 9.612 de 19 de fevereiro de 1998 estabelece que uma rádio de caráter comunitário deve pertencer a uma associação sem fins lucrativos, cuja preocupação fundamental é ceder espaço para a expressão de vários setores de uma determinada comunidade. A gerência da emissora fica por conta dessa associação, que precisa ser pluralista, o que garante espaço para a manifestações de diversos grupos da comunidade.

4.2.1.1 A Rádio Guadalupe FM

Criada em 1997, a Rádio Guadalupe FM faz parte da Associação de Amparo às Famílias de Quitaúna, no bairro de mesmo nome da cidade de Osasco, SP, constituído em sua grande parte por pessoas de classe média baixa e baixa. Em 1998, assim que a lei federal regulamentando as rádios comunitárias foi aprovada, entrou com pedido de legalização. Ainda não recebeu resposta. Hoje, funciona duas vezes na clandestinidade.

No dia nove de abril deste ano, a Anatel lacrou os transmissores de 22 KW utilizados para a transmissão da programação da rádio. Ainda em abril, uma reunião com a comunidade e com os locutores (inclusive com os integrantes do *Cala-boca já morreu*) definiu que, com o recebimento de doação de um novo transmissor, menos potente, com 11 KW, a rádio imediatamente voltaria a ativa, sem se identificar como Guadalupe, apenas pela frequência modulada que transmite (91,5 MHz).

Segundo o motorista de ônibus Raul José Seixas, presidente da Associação de Amparo às Famílias de Quitaúna, a ação da Anatel prejudicou bastante o funcionamento da entidade. “A associação sobrevive por causa da rádio. Sem a rádio, ela não consegue. A rádio é quem divulga os eventos, campanhas. O anúncio que a gente faz de três mercados são trocas por cestas básicas para distribuir às famílias, o jornal que a gente recebe e passa as notícias são trocas com a banca. (...) A marcenaria que a gente anuncia foi quem fez os móveis. Então é tudo troca. Alguns locutores, dois pagam aluguel, um paga a conta de telefone.”, explica.

Com o fechamento da rádio, alguns locutores ficaram com medo e deixaram de apresentar seus programas. A Guadalupe, que funcionava ininterruptamente todos os dias das 6h às 22h, teve seu horário reduzido. Os quadros abaixo mostram a atual grade de programação:

Quadro 2: Grade de programação da Rádio Guadalupe FM

Segunda a Sexta-feira	
Horário	Programa*
6h às 8h	Musical com Eustáquio Pena. “O dono da padaria banca o horário”
8h às 10h	Musical Sertanejo e Português. “É um programa que funciona porque toda última quarta-feira do mês a gente faz um marmitex para os moradores de rua da cidade de Osasco. O horário é ideal para pedirmos para pedirmos doações”
16h às 19h	Musical com Capitão Bernardo. “O ouvinte participa, manda recado...”
20h às 23h	Sinatra em louvores – Programa Evangélico “Tem hinos, as pessoas ligam, participam, reclamam da vida, ele passa conselhos, esse tipo de coisa”.

Sábados	
Horário	Programa*
8h às 9h	Curso de Teologia via Rádio. “O locutor é um vereador de Osasco. Ele vai dar o curso pelo rádio, reunir todo mundo na associação, fazer uma espécie de prova e dar um certificado para todo mundo que participou”.
10h às 12h	Programa da Igreja Católica. “Está no ar desde o início da rádio. Com esse programa, a gente se entrosou com a igreja católica e participa de quermesses, eventos...”
12 às 14	Só musica
14h às 16h	Programa de axé. “O pessoal participa bastante. Principalmente os jovens”
16h às 18h –	Programa esotérico. “Uma senhora das perdizes fala sobre anjo, numerologia, conselhos, atende os ouvintes. Faz também entrevistas com médicos.”

Domingo	
Horário	Programa*
8h às 10h	Alvorada portuguesa. “É o mesmo apresentador do programa semanal de música portuguesa”.
10h às 12h	Sertanejo

12h às 14	Country, rodeio
14h às 16h	Country. “Esses dois programas country são muito legais, os locutores trazem comitivas que vieram participar de rodeios”.
16h às 18h	<i>Cala-boca já morreu – porque nós também temos o que dizer</i> “É o programa que mais deu visibilidade para a rádio. Desde que começou aqui, já trouxe diversos meios de comunicação aqui. O <i>Cala-boca</i> já é conhecido”
18h às 20h	Rock antigo
20h às 22h	MPB. “Pra dar uma variada no estilo musical, né. Senão a gente fica só com sertanejo e Axé.

* Comentários de Raul José Seixas, presidente da Associação de Amparo às Famílias de Quitaúna, em entrevista concedida à formanda no dia 07/07/2002.

Pela tabela de programas da Rádio Guadalupe, percebe-se que o *Cala-boca já morreu* é o único que trata de temas como política, cidadania, meio ambiente. Segundo Seixas, antes do fechamento da rádio, um boletim de duas em duas horas informava os ouvintes sobre acontecimentos políticos e sociais da cidade de Osasco. Agora, o boletim já não mais existe. Apesar de os outros programas tocarem em questões sociais, eles têm uma abordagem assistencialista, com pedidos de doações, não uma abordagem de debates e conscientização. Dentro deste contexto e retomando Montoro, que explica que para que a comunicação para a mobilização social ocorra, têm que ser incluídos temas relevantes que se mostrem desafiadores e que esta deve ser baseada não na negação do real, mas na transfiguração dele para criar-se novas relações e compartilhar sentidos na interpretação do real, a importância do programa *Cala-boca já morreu* se torna ainda maior para mobilizar a comunidade na qual ele é transmitido.

Trechos do programa do dia 07/07/2002 demonstram que os integrantes do projeto sabem disso e sabem da importância de uma rádio comunitária dentro do espaço social em que está inserida:

Jefferson: Lembrando bem e frisando aqui o que o Felipe falou, a mídia é uma arma, a comunicação, tudo é uma arma que a gente tem que esclarecer.

Isis: E a gente tem que utilizar essa arma para nosso bem. A gente tá com poder aqui, tendo uma rádio comunitária, não só o pessoal do Cala-boca, mas o pessoal da comunidade daqui de Quitaúna. Tendo um meio de comunicação, isso que eu tô falando aqui agora eu não sei quantas pessoas estão ouvindo. Eu sei que o vizinho aqui do lado tá ouvindo? Eu não sei. Eu sei se a pessoa da outra rua tá, eu não sei se o pessoal do outro canto de quitaúna tá me ouvindo, mas eu sei que tudo que eu falar aqui muita gente deve tar ouvindo...

Mariana Casellato: Daí sim, quanto mais pessoas tiverem sabendo disso, mais pessoas vão estar passando pra outras pessoas, mesmo assim, na conversa, entendeu. Tipo assim, alguém vai jogar um papel na rua, a gente fala 'Meu, não joga no chão, tem um lixo ali do lado, joga ali do lado'. Por menor que seja a sua ação, vc pode praticar uma boa ação todo dia e garantir um lugarzinho no céu pra você, entendeu?

Isis: E é aí que a gente percebe o papel de uma rádio comunitária. Se não fosse a rádio comunitaria, se não fosse a Rádio Guadalupe, por exemplo, esse assunto não estaria aqui, a gente não estaria conversando e com certeza muitas pessoas teriam continuado a nem ouvir falar sobre Rio + 10. Então é essa a importância que a gente vê nos meios de comunicação comunitários. A gente tá falando sobre esses assuntos, tá conversando sério sobre muitos temas e dentro de espaços pequenos como é aqui o bairro de Quitaúna.

4.2.2 O conteúdo do programa

Para Bernardo Toro, “mobilizar é convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhados”.⁴⁴ O especialista explica que convocar vontades significa convocar discursos, decisões e ações e reconhece que a mobilização social também é um ato de comunicação.

Para que essa convocação seja eficaz, é necessária a formulação de um imaginário que sintetize de forma atrativa e válida os objetivos que se busca alcançar. “O imaginário enuncia uma forma de futuro por se construir, contém elementos de validade formais e, nesse sentido, é uma fonte de hipóteses para a ação e o pensamento Para uma mobilização eficaz, é necessário, ainda, que o imaginário realmente diga algo ao público que se quer atingir. (TORO: 35-37).

⁴⁴ TORO A, José Bernardo. *Mobilização Social: um modo de construir a democracia e a participação*. Brasília. Ministério do Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Amazônia Legal, UNICEF, 1997

Como o programa de rádio *Cala-boca já morreu! – porque nós temos o que dizer* se insere nesse contexto?

Primeiro, com os temas definidos pelos integrantes. A cada programa eles escolhem um assunto que funciona para despertar a discussão sobre questões sociais, em especial o meio-ambiente, já que definiram um quadro fixo que trata só desse tema. No programa do dia 07/07, os temas principais foram a Conferência Rio + 10 e questões ambientais como Agenda 21, efeito estufa e alimentos transgênicos.

Definidos os temas, a maneira com que eles são levados ao público formam um imaginário e convocam os ouvintes a mudarem a situação. Seleccionamos alguns trechos do programa do dia 07/07 para exemplificar. Designamos letras para marcar cada fala dos integrantes. No final dos trechos, analisamos o conteúdo destas falas.

Trecho 1

Jefferson: Desenvolvimento sustentável é pensar no nosso futuro, né, e pensar no próximo, tipo, pensar no meu filho, que um dia eu tô cortando essa árvore, mas vou ter que plantar ela, porque pro futuro ele vai precisar e é muito importante . (A)

Liz: Exatamente, porque todos nós precisamos desses meios, né. A gente precisa da árvore pra viver. A gente precisa da água pra viver. Então, pra gente continuar vivendo, pras gerações continuarem vivendo, é preciso que seja feito esse tipo de coisa. (B)

Ísis: Isso mesmo

Mariana Casellato: E mesmo assim a gente precisa estar crescendo economicamente para que os nossos filhos tenham condições legais de vidas, então a gente precisa crescer economicamente mas sem prejudicar o meio ambiente, o lugar onde a gente vive. O lugar onde nossos filhos, nossos netos vão estar vivendo. (C)

Ísis: E é por isso que se fala tanto em desenvolvimento sustentável. Uma coisa que é clara, acho que pra todo mundo, é que todo o país quer crescer, quer se desenvolver, quer cada vez mais ganhar dinheiro para dar uma qualidade de vida melhor para sua população. Se

bem que tem país que não pensa bem assim, mas é mais ou menos assim. Quando se fala, pelo menos é assim.

Mariana Casellato: Ou deveria ser assim.

Ísis: Deveria ser assim. Era justamente isso que eu queria falar. E porque então esse nome desenvolvimento sustentável? Já que é claro e é certo que todos os países querem crescer, querem se desenvolver, tem que ser de uma forma que preserve os recursos naturais. Ou que pelo menos esses recursos naturais sejam renováveis, sejam renovados, né. Então se eu pra crescer eu preciso que meu país seja desmatado tantos hectares de terra, de mata, por ano. Eu tenho que garantir que essa mesma quantidade seja plantada, pra daqui a cinco, 10, 15 anos, ainda tenha desses recursos pro país continuar a se desenvolver e a crescer.
(D)

Mariana Casellato: Porque se você for parar pra pensar, se você for nesse desenvolvimento, digamos assim, insustentável, uma hora ele vai ser um desenvolvimento finito, porque uma hora vai acabar as fontes de matéria prima e você não vai ter como se desenvolver. Então, é um jeito de vc estar garantindo desenvolvimento para gerações futuras. **(E)**

Liz : E aí, se isso não acontecer, é o fim da raça humana. Ou vai ser uma vida bem difícil de levar. **(F)**

Ísis: Pois é. Então é muito necessário e essencial que se reconheça o valor do desenvolvimento sustentável e isso tem que ser uma coisa muito urgente. Mesmo porque a Mariana falou que vai acabar. Já tá acabando. A gente tem aí a (mata) atlântica, que tá com 7,3% só de toda a sua floresta original que a gente tinha em 1.500. 7,3% só, você sabe o que é isso? Você imagina um campo de futebol do tamanho do Maracanã. Agora você pensa que um espaço de mato do tamanho de um campo de futebol do tamanho do Maracanã, o maior estádio do mundo, é desmatado a cada quatro minutos no Brasil. **(G)**

Liz: É impossível, a gente não consegue imaginar

Ísis: Meu, é muita coisa. É muito. É muita sacanagem, cê vê, fazer esse tipo de coisa. Afinal, a Mata Atlântica não tem dono, não é pra ter dono. Então, ninguém tem direito de acabar

com ela. Eu sei informações que o Mário Montovani, do SOS Mata atlântica passou pra gente outro dia , é que sete em cada dez brasileiros moram na mata atlântica. Moram em área de Mata Atlântica. (H)

Neste trecho, para explicar, defender e convocar a defesa do desenvolvimento sustentável, os integrantes utilizam como imaginário a possibilidade de um futuro sem os bens naturais (A, B, C, D, E, F). Além disso, apresentam dados concretos — e muito bem transportados para o cotidiano do ouvinte — que embasam a defesa e a convocação (G, H).

Ressalte-se que em H eles utilizam inclusive informações fornecidas pela Fundação SOS Mata Atlântica, que pode ser classificada como um Produtor Social. Segundo Toro (op. cit., p.38), dentro de um processo de mobilização social, os produtores sociais são pessoas ou instituições que têm a capacidade de criar condições econômicas, técnicas, institucionais e profissionais para incentivar o processo de mobilização.

A Fundação SOS Mata Atlântica é uma entidade privada sem fins lucrativos que tem como principais objetivos defender a Mata Atlântica, valorizar a identidade física e cultural das comunidades que a habitam e conservar os patrimônios natural, histórico e cultural dessas regiões. Atua em projetos de educação ambiental, recursos hídricos, monitoramento da cobertura florestal vegetal da Mata Atlântica por imagens de satélite, ecoturismo, produção de mudas de espécies nativas, políticas públicas, aprimoramento da legislação ambiental, denúncia contra agressões ao meio ambiente, apoio à gestão de unidades de conservação, banco de dados da Mata Atlântica, entre outros.

A relação do grupo com esta instituição é forte. Os integrantes são afiliados da Fundação se envolvem com as causas defendidas por ela e utilizam as informações disponibilizadas pela entidade. Talvez por isso, no programa do dia 07/07, apesar de o tema ser meio-ambiente em geral, grande parte da discussão tenha sido em torno dos problemas da Mata Atlântica.

Trecho 2

Isis: Se a gente não preservar o meio ambiente hoje, amanhã talvez a gente não tenha água pra beber. Tão prevendo que daqui a cinco, dez anos, já tenha guerra por causa de água. E o Brasil tem muita água, a gente tem que administrar tudo isso. (...) E felizmente o Brasil é o

país que tem mais água no mundo. A gente tem aí vários rios de águas que são muito importantes, que abastecem muito, e que com certeza o Brasil vai ser alvo, nas futuras guerras em busca de água. Por que? Porque com certeza nós temos muita água e não estamos sabendo administrar tudo isso. (I)

Ísis: Como que a gente vai saber administrar tudo isso? A partir do momento que a gente começar a entender essas questões. Entender que, se agora nas eleições a gente votar em pessoas certas, essas pessoas vão estar fazendo políticas relacionadas a meio ambiente, que vão estar diretamente relacionadas com a preservação daqui a 15 anos. Tudo tem que ser feito a partir de agora, a partir de ontem, a partir de hoje. (J)

Mariana Casellato: Senão vai ser que nem quando deu o apagão, sabe. Tipo, quando a gente começar a perder água, daí sim a gente vai começar a falar: 'meu, e agora? não tem mais água, não vai dar pra tomar banho todo dia'. Sabe, assim. Daí a gente vai começar a se conscientizar e daí as pessoas vão começar a agir, entendeu? Não pode agir depois, tem que agir agora quando ainda tem coisa. Quando ainda dá pra fazer pra ter depois, entendeu? (L)

Ísis: É o grande instrumento hoje, de nós aqui no estúdio até que não, porque a maioria é menor de 16 anos. Mas as pessoas que estão ouvindo a gente em casa, as pessoas que a gente vai conversar e as pessoas que a gente tem contato sempre, qual que é a maior arma que a gente tem pra permitir que políticas relacionadas a meio ambiente sejam feitas, que decisões sejam tomadas corretamente. Qual a arma que a gente tem? É o voto. Escolher as pessoas certas. Por isso que a gente fala que é importante estar prestando atenção nas campanhas aí, nas discussões. Quem são os deputados, os governadores que estão ligados com o tema, que falam disso nas suas campanhas, o que que eles já fizeram, pesquisar a história dessas pessoas... A gente pretende com certeza conversar um pouco mais sobre isso aqui no estúdio, mas é importante que você ouvinte esteja ligado diretamente com a gente, porque a gente tendo a informação, a gente tem a arma. (M)

Esse trecho apresenta a continuação da discussão sobre desenvolvimento sustentável. Em **I**, novamente o futuro por construir de Toro é utilizado, para, logo depois, em **J**, **L** e **M**, ser feita a convocação de vontades e ações – nesse caso, a observação das propostas dos candidatos às eleições de outubro de 2002 para as políticas de meio ambiente.

Trecho 3

Isis: Então a Agenda 21 é uma coisa muito legal, minha grande proposta é fazer aqui, é que a gente faça aqui no Bairro de Quitaúna, em cada bairro, cada cidade, cada escola, cada lugar, reconheça. Tá, mas tudo bem, aqui em Quitaúna não tem Mata Atlântica. O que vai ser discutido sobre meio ambiente então? A gente fala meio ambiente com uma outra visão, com uma visão chamada sócio-ambiental, que meio ambiente não é só árvore, não é só água. É também a nossa escola, é aqui a rádio 91,5, é a nossa casa, é o shopping que a gente frequenta. (N)

Mariana Casellato: Tudo isso é o ambiente em que a gente vive, portanto é o nosso meio ambiente.

Isis: Então, todas essas discussões das Agenda 21 local devem ser feitas de acordo com a realidade do lugar. Por exemplo, o que que precisa aqui em Quitaúna? (O)

Mariana Casellato: Uma das coisas é trazer de volta a Guadalupe, por exemplo. Então, o pessoal que já está sabendo do abaixo assinado é vir aqui até a Guadalupe, assinar o abaixo-assinado, ou pela internet, pra gente conseguir aqui, nesse lugar pequeno, tipo Quitaúna, tar trazendo a Guadalupe de volta. Que é uma ação boa que você pode estar fazendo pra ajudar seu meio ambiente. (P)

Liz: Então coisas que estão ajudando ao meio ambiente são necessárias estarem escrita na Agenda 21 de cada bairro, de cada escola, de cada país... (Q)

Liz: Tá entendendo o que que foi firmado ali para ter como cobrar, né. (R)

Ticiane: Porque assim, pouca gente ouviu falar em Agenda 21. Então se a gente aprende o que que o brasil precisa fazer nesse período aí, tal, a gente pode estar ajudando e cobrando. Mas, se a gente não souber, a gente nunca vai falar nada, nunca vai cobrar nada e talvez nunca seja feito, entendeu? (S)

Neste trecho, a discussão em pauta era sobre a Agenda 21. Isis explicava o que era o documento. Em **N**, transporta-o para a realidade da comunidade de Quitaúna, o que também acontece em **O**, **P** e **Q**.

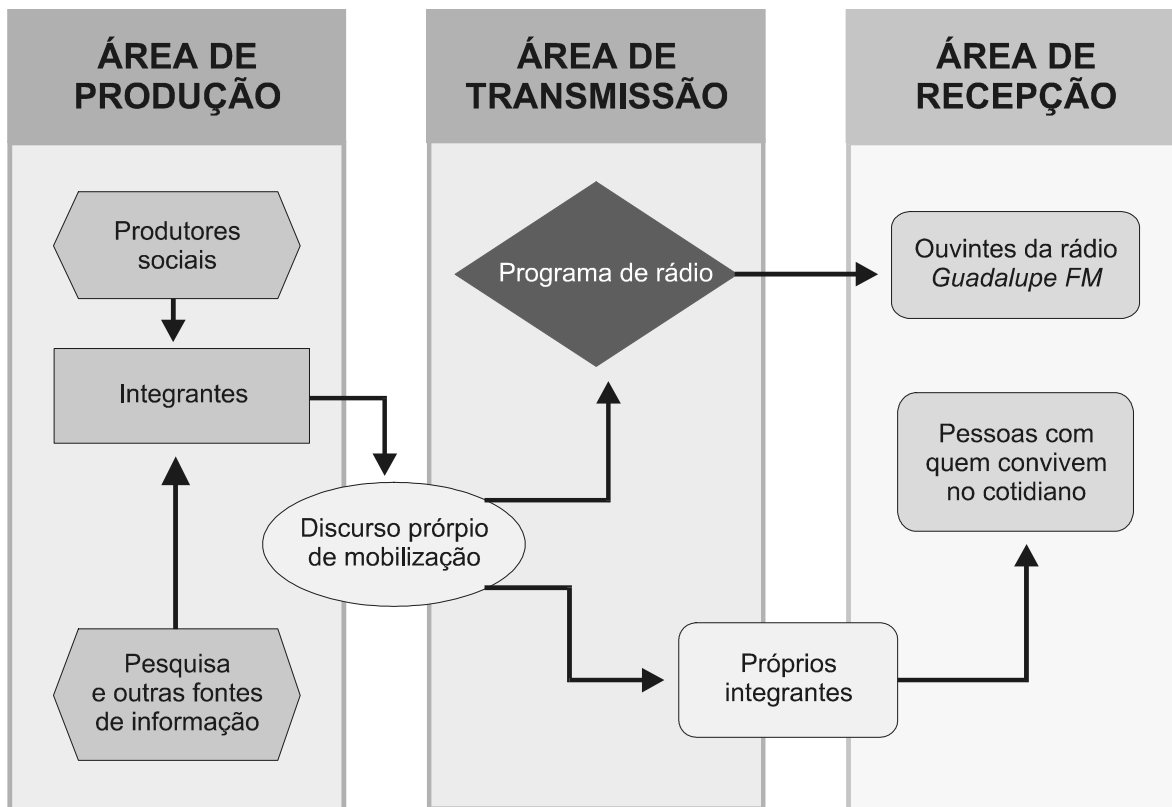
Em **R** e **S**, os integrantes convocam a comunidade a se informar para conhecerem melhor o documento. Dessa maneira, poderiam mobilizar-se para cobrar o cumprimento das metas estabelecidas. No discurso **P**, é realizada uma convocatória que chama para uma ação de defesa do ambiente local – a mobilização para a legalização da rádio comunitária.

Retomando Vera Lúcia Silva (1997:59), para a especialista, o grande diferencial da mobilização social é “descobrir os diferentes sentidos que cada comunidade tem” e formar um imaginário a partir do qual a própria comunidade possa identificar as potencialidades locais, o que elas podem vir a ser

Observamos nos três trechos destacados que os integrantes apresentaram problemas e convocaram a comunidade a realizarem algumas ações que ajudariam a solucioná-lo. Ainda de acordo com Silva, a eficácia da mobilização social depende não só da identificação de problemas. “O trabalho do mobilizador se distingue pela descoberta de novas possibilidades”.

4.3 A dinâmica da mobilização

A forma de produção do programa *Cala-boca já morreu*, o engajamento dos integrantes do projeto, o local em que o programa é apresentado e seu conteúdo geram uma dinâmica muito própria de mobilização social. O esquema abaixo, inspirado no Modelo Lógico Geral de Comunicação Macrointencional de Toro (op.cit., p. 60-61) mostra essa dinâmica.



Ao utilizarem as mensagens obtidas com a pesquisa para a preparação do programa e as informações transmitidas pelos Produtores Sociais (como a Fundação SOS Mata Atlântica ou os organizadores do curso de informação em Saúde Pública, por exemplo), os integrantes do projeto criam uma mensagem própria de mobilização para ser utilizada no programa de rádio.

Essa mensagem incide sobre os ouvintes da Rádio Guadalupe FM, onde o programa é apresentado, mas também incide diretamente nos participantes, que retransmitem o discurso para quem convive com eles no dia-a-dia.

O esquema acima mostra também que os integrantes do projeto exercem, em diferentes tempos, os papéis de alguns atores sociais presentes na mobilização social. "Um ator social pode estar, em um determinado momento, sendo público de um reeditor e, em um outro momento, sendo ele próprio um reeditor"(TORO, op. cit., 59)

Ao transformarem o discurso absorvido nas pesquisas e em outras fontes de informação para linguagem convocatória e regional que atinge o público da Rádio Guadalupe FM, eles exercem o papel de editores. Segundo Toro, atores que convertem a mensagem em formas, objetos, símbolos e signos adequados para quem vai receber a mensagem.

No momento em que se apropriam das mensagens de produtores sociais para construírem e repassarem uma mensagem de mobilização, quer via o programa de rádio, quer no corpo-a-corpo com quem convivem, os integrantes do projeto exercem o papel de reeditores. Segundo Montoro, “atores que atuam em seu cotidiano com autonomia e independência, dentro de seu campo de atuação (no caso do *Cala-boca já morreu!*, a rádio comunitária e o dia-a-dia), trabalhando junto a outros produtores e reeditores sociais, compartilhando imaginário e propósitos. São, em poucas palavras, mobilizadores sociais”.

Acreditamos ter deixado explícito que o projeto e o programa *Cala-boca já morreu!* apresentam fortes traços de mobilização social. Entretanto, isso não significa que ele se caracterize como um projeto de mobilização social propriamente dito.

Segundo Toro, a mobilização é um processo para se alcançar um objetivo pré-definido, um propósito comum e bem definido. No caso do *Cala-boca já morreu* existe um propósito comum e também um objetivo: transmitir o que os integrantes aprendem no processo de apropriação do rádio para a comunidade. Porém, eles não são delimitados. Tanto assim que em apenas um programa (o do dia 07/07/02), trabalhou-se com imaginários tão diferentes como alimentos transgênicos, a política do pão e circo, a camada de ozônio.

A nosso entender, portando, as características de mobilização social são um resultado indireto – e muito bem vindo – da aplicação das técnicas de Educomunicação. A formação de um adolescente com uma visão ampla de mundo, com liberdade para transmitir seus pontos de vista sobre os fatos, e o fornecimento de meios para que essa expressão se realize (um programa de rádio, um jornal, um site...) o torna apto e fundamentado para multiplicar intenções e, o principal, faz com que ele deseje realizar ações de transformação social.

4.4 Observações sobre a recepção

Apesar de não ser o propósito deste trabalho, é impossível deixar de tecer considerações sobre a recepção do programa analisado, por se tratar de um programa com fortes características de mobilização social.

No programa do dia 07/07, apesar de os apresentadores do programa terem convocado nove vezes os ouvintes a telefonarem para a rádio e darem sua opinião, comentarem o assunto ou pedirem uma música, não houve um telefonema. diferentemente dos outros programas da emissora.

Tivemos a oportunidade de observar a apresentação de outro programa da emissora e pudemos constatar que o telefone da rádio tocava incessantemente, com ouvintes querendo participar.

A pequena participação dos ouvintes dentro do programa *Cala-boca já morreu* sempre existiu. Sousa, em 1997, constatou que em quatro edições do programa, os apresentadores receberam apenas cinco telefonemas. Para ela, a razão pode ser o horário dos programas. “O programa vai ao ar domingo, das 16 às 18 horas⁴⁵, horários em que também são transmitidos os programas televisivos de Fausto Silva e Sílvio Santos, o que se torna uma concorrência injusta com o *Cala-boca já morreu*”. (1997: 187)

O presidente da Rádio Guadalupe, Raul José Seixas, acredita que a participação dos ouvintes é pequena por conta da idade dos apresentadores. Ele conta que o ouvinte da rádio o encontra na rua e comenta os programas com ele. Com o *Cala-boca já morreu* não é diferente, o que mostra que o programa é ouvido. “O *Cala-boca* fala sobre plantar árvore e depois os ouvintes vêm me perguntar se realmente é verdade. Eles têm dificuldade em participar. Se fosse outro locutor normal aí eles ligariam, com o pessoal do *Cala-boca* eu não vejo eles participarem.”

Para Seixas, é o fato de os participantes serem muito jovens afugenta a participação. “Não é porque os ouvintes não entendem do assunto. Porque em outros programas eles ligam. Eu acho que o problema é que se uma pessoa de 50 anos ligar, uma pessoa jovem vai explicar para ele e no final ele vai ter que concordar. Isso faz com que o mais velho se sinta mal,

⁴⁵ Este sempre foi o horário de apresentação do programa, em todas as rádios pelas quais passou.

diminuída. Quando você tem uma pessoa que é mais adulta fazendo um programa eu não vejo isso”.

O jornalista TT Catalão, responsável pelo recebimento e publicação da opinião de leitores do jornal Correio Braziliense sobre política e questões sociais acredita em outras duas razões para a pequena participação de ouvintes no programa: a condição socioeconômica do público agregada aos assuntos debatidos no programa.

Em entrevista a esta pesquisadora, o jornalista afirma que da correspondência que recebe, em média 97% são e-mails (cerca de 200 por dia) o que já pressupõe uma exclusão. Os outros 3% são cartas, que pressupõe pessoas menos favorecidas. Ou seja, considerando que para ter um computador com internet as pessoas precisam ter um certo poder aquisitivo, grande parte das pessoas que se manifestam sobre assuntos e questões sociais no jornal são de classe social mais alta.

“No jornal falamos em cartas, mas evidente que no rádio seria o telefone”, explica Catalão. “No caso específico desse programa, acredito que a participação quase nula seja pelo o fato de o programa ser apresentado em uma rádio de alcance limitado e os temas serem delicados, sensíveis, porque não há uma prática de cidadania forte na população”, afirma. O jornalista acredita que essas pessoas não se exponham porque ficariam localizadas.

“Primeiro pela voz, porque se é uma área que tem uma circunferência tão pequena, e em bairro todo mundo se conhece, principalmente bairro mais pobre, onde as pessoas convivem mais obrigatoriamente, as pessoas vão identificar o dono da voz, mesmo que use pseudônimo. Talvez seja por isso que elas se recusem a falar. Você vê que os índices de gravidez, de aborto, são maiores em bairros periféricos porque as pessoas não conversam nem com a família, imagina falar em uma rádio (...) Ligar para outros programas está dentro do aceitável, porque não toca em questões delicadas, como política e cidadania”

TT Catalão acredita ainda que junto a esses componentes se agrega um componente arraigado na população menos favorecida. “As pessoas nunca são chamadas a serem ouvidas, que elas não têm nem segurança de que vão ser respeitadas”.

Por essa razão, acreditamos que um programa que tem como subtítulo a sentença *Porque nós também temos o que dizer* é importante para modificar essa cultura e introduzir espaço para que a comunidade seja ouvida nessas questões.

A nosso entender, as três opiniões aqui descritas podem explicar a razão da falta de participação dos ouvintes. A concorrência de um grande meio de comunicação; a resistência a mudanças da já estabelecida ordem de que o adulto é quem ensina o jovem, e não o contrário; e a delicadeza dos temas frente a uma população acostumada a não ser escutada. Acrescente-se aí também, já que o programa não recebe cartas e retomando a experiência de TT Catalão com as correspondências do Correio Braziliense, que o ritmo da vida moderna, principalmente entre a população de classe social mais baixa – que em sua grande maioria precisa trabalhar muito para ganhar pouco e sustentar a família – não permite tempo livre para a manifestação de indignações ou questionamentos a respeito da cidadania.

As hipóteses levantadas com a realização destas observações indicam a necessidade de um estudo sobre a recepção do programa, para que possam ou não ser comprovadas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assman ⁴⁶, refletindo sobre as diferenças entre a temporalidade da Educação (lenta e linear) e a temporalidade da comunicação (rápida e assimétrica), estabelece uma distinção entre as duas formas temporais: Chrónos, o *tempo cronológico* e Kairos, o *tempo vivido*. O autor enfatiza que a pós-modernidade exige que se pense conjuntamente o tempo natural e o tempo das vivências.

Transpondo essas reflexões para o campo da Comunicação/Educação, Lauriti (op. cit.) explica que uma educação eficaz, embora incluindo o tempo cronológico, implica em ritmos e ciclos que precisam ser ressignificados para que se chegue ao tempo vivencial, que é o ambiente propício para as experiências de aprendizagem. Ou seja, “implica a convivência aberta com uma pluritemporalidade simultânea”.

“Estão em jogo na educação uma pluralidade de tempos: horário escolar, informação instrucional, tempo de apropriação personalizada do conhecimento, tempo de leitura e estudo, tempo de auto-expressão construtiva, tempo do erro, tempo da conjuntura e das buscas, tempo para desenvolver a auto-estima, tempo de dizer sim à vida, tempo de organizar esperanças” (LAURITI, op. cit.)

A pluritemporalidade em jogo na educação é respeitada pela Educomunicação. No capítulo 3, demonstramos que esta nova área de intervenção social, aplicada ao projeto *Cala-boca já morreu!*, contribui para a formação de uma visão crítica das crianças e adolescentes e fornece uma nova maneira de aprendizagem.

Esta forma de apreensão de conhecimentos se processa de acordo com as exigências temporais da pós-modernidade. A utilização do rádio permite que a pluralidade pregada por Lauriti aconteça simultaneamente⁴⁷. Na preparação e apresentação dos programas demonstradas no capítulo 3, é possível exercitar e combinar a informação instrucional; a apropriação personalizada do conhecimento; a leitura e o estudo, a auto-expressão construtiva, os erros, a conjuntura e as buscas, a auto-estima, a organização de esperanças.

⁴⁶Citado por LAURITI, Nádía. *Comunicação e Educação: Território de Interdiscursividade*, in www.eca.usp/nucleos/nce/artigos.html

⁴⁷ Com exceção do horário escolar, já que o projeto não acontece dentro do espaço de educação formal. Mas seus desdobramentos, conforme demonstrado no capítulo 3, se apropriam também deste *tempo pedagógico*.

Confrontando os ritmos escolares com os ritmos da mídia, Lauriti assinala que as tecnologias da comunicação “são valiosos auxiliares da otimização do tempo pedagógico, portanto, não devem ser temidos, ao contrário, devem ser incorporados e trabalhados a favor da dimensão vivencial dos tempos humanos envolvidos no processo”.

Por essa razão, a temporalidade dos meios de comunicação não é deixada de lado. No programa *Cala-boca já morreu!*, a rapidez e a assimetria características desses meios se refletem no tempo cronológico. Este é sempre contado, contrastando com o tempo vivencial rápido oferecido pelos meios. Quer seja na reunião de preparação dos programas (uma hora e meia de duração), quer seja na apresentação do programa (duas horas de duração divididas em cinco blocos que tratam de assuntos variados, muitas vezes sem conexão entre si).

No projeto analisado, a Educomunicação sincroniza Chrónos e Kairos (o tempo cronológico com o tempo vivencial). Característica que deve permear, segundo Lauritti, “os projetos de uma educação que se pretende cidadã e emancipatória”.

Essa intenção emancipatória e cidadã acontece no momento em que a questão do aprendizado e livre espaço de expressão dos integrantes do *Cala-boca já morreu!* é extrapolada. Conforme demonstramos no capítulo 4, o programa de rádio apresenta outras dimensões, como a de incentivo ao protagonismo juvenil e a de mobilização social por meio da interação com a comunidade.

A interação não fica restrita a esse caso isolado específico. Nos desdobramentos do projeto apresentados no capítulo 3, vimos que o espaço criado para a Educomunicação nas escolas foi ampliado e aberto à comunidade.

Dessa maneira, podemos dizer, conforme demonstrado neste trabalho, que a Educomunicação apresenta como forte característica “uma nova forma de ação, com interferência no processo de elevação cultural e social das massas, multiplicando a consciência popular”⁴⁸.

⁴⁸ MILAN, Yara Maria Martins Nicolau, *Comunicação e Educação - Espaço de Mutação e Confluência*. In: www.eca.usp.br/nucleo/nce/artigos.html

O processo de comunicação/educação realizado pelos integrantes do grupo, por meio do programa de rádio, se aproxima do que Silva⁴⁹ chama de “comunicação mais que perfeita”: uma dinâmica de interação na qual “os interlocutores estejam buscando o bem coletivo e o bem coletivo acima dos interesses particulares”.

Para finalizar este estudo de caso, é importante ressaltar nossa opção por não tecermos conclusões definitivas e imutáveis a respeito dos aspectos observados com a pesquisa, e sim considerações finais. A Educomunicação é um campo de intervenção social ainda em formação e estudo e o projeto analisado passa por constantes modificações.

A partir de outubro de 2002, o *Cala-boca já morreu! – Porque nós também temos o que dizer* se transforma em uma organização não-governamental de comunicação e educação. A intenção é viabilizar o protagonismo dos integrantes do projeto na socialização do que aprenderam. Os adolescentes do grupo realizarão oficinas de rádio gratuitas para crianças e adolescentes de baixa renda.

A coordenadora Grácia Lopes explica, em entrevista, que esta será uma maneira dos integrantes se fortalecerem como grupo e se comprometerem com a construção de uma sociedade diferente. Inicialmente, os coordenadores do projeto e os pais dos integrantes serão os responsáveis pela ONG. Eles ocuparão os cargos de presidente, conselheiros e diretores exigidos para que a organização seja reconhecida judicialmente.

Porém, a intenção é que no futuro os próprios participantes do grupo assumam a gerência da organização. “Quando tivermos certeza que a proposta educocomunicativa não será deturpada, a ONG passará para as mãos dos integrantes”, afirma a coordenadora.

Esse novo passo dado pelo projeto demonstra ainda mais a característica de transformação social da Educomunicação. Exemplifica também o caráter de formação e de mutações desse campo de intervenção social.

“É difícil dizer como vai ser o futuro. Educar para a autonomia é educar para a incerteza. O que virá eu não sei. Eu sei que nós saímos de um lugar e vamos não sei para onde. Enquanto isso estamos produzindo”⁵⁰.

⁴⁹ SILVA, Luís Martins. “Comunicação, mobilização e mudança social”. In MONTORO, Tânia (org). *Comunicação, Cultura, Cidadania e Mobilização Social*. Série Mobilização Social, Brasília, UnB, 1997.

⁵⁰ Grácia Lopes, em entrevista a esta pesquisadora, respondendo à pergunta sobre suas expectativas quanto ao futuro da Educomunicação.